

Traduzido do original *Gemeinsames Leben*  
© 1939 Chr. Kaiser Verlag, München, Alemanha

Direitos para a língua portuguesa pertencem à  
Editora Sinodal, 1983  
Rua Amadeo Rossi, 467  
Caixa Postal 11  
93001-970 São Leopoldo – RS  
Tel.: (051) 590-2366  
Fax: (051) 590-2664

Tradução: Ilson Kayser  
Revisão da tradução: Brunilde Arendt Tornquist

Produção editorial: Editora Sinodal  
Produção gráfica: Gráfica Sinodal

(Passagens bíblicas citadas nesta obra são extraídas de A Bíblia de  
Jerusalém, Edições Paulinas)

CIP – BRASIL CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
Bibliotecária responsável: Rosemarie B. dos Santos CRB 10/797

B697v Bonhoeffer, Dietrich  
Vida em comunhão / Dietrich Bonhoeffer.  
3. ed. rev. – São Leopoldo : Sinodal, 1997.  
95p.  
Título original: *Gemeinsames Leben*.  
ISBN 85-233-0462-2  
1. Teologia prática. 2. Luteranismo. I. Tí-  
tulo.  
CDU 24  
284-1

## ÍNDICE

Apresentação .....	5
Prefácio .....	7
1 Comunhão .....	9
2 A comunhão diária .....	28
3 A solidão diária .....	58
4 O serviço .....	70
5 Confissão e Santa Ceia .....	86

## APRESENTAÇÃO

Dietrich Bonhoeffer escreveu estas páginas, apresentadas aqui em nova edição brasileira, no ano de 1938, quando passava quatro semanas de férias na casa de sua irmã gêmea, Sabine Leibholz, na cidade de Göttingen. Elas são reflexo direto de uma experiência comunitária no estilo de confraria que fizera no Seminário de Finkenwalde. Durante quase três anos (1935-1937), Bonhoeffer dirigiu um seminário clandestino ligado à Igreja Confessante (crítica ao regime nazista). Viveu em reclusão com cerca de vinte estudantes de teologia, compartilhando uma vida espiritual muito intensa diante da ameaça que representava a ditadura de Hitler. Em 1937, agentes da Gestapo fecharam o seminário, acabando com o experimento da “vida em comunhão”. Depois disso, tornou-se cada vez mais difícil reunir-se em culto. O controle e a perseguição tornaram-se mais intensos. Começou o tempo da solidão. Por isso, com este livrinho, Bonhoeffer nos ensina a valorizar a comunhão cristã, a vida em comunidade, o compartilhar de vida entre irmãos e irmãs na fé. Assim entendemos melhor quando ele, já nas primeiras linhas, escreve: “Não é óbvio que a pessoa cristã viva entre cristãos”; e quando conclui, enfatizando que a comunhão cristã é dádiva de Deus.

*Nélio Schneider*  
*Professor de Teologia Bíblica na EST*

## PREFÁCIO

É próprio da natureza do assunto aqui tratado que ele seja fomentado apenas no trabalho em conjunto, considerando que não se trata de um assunto que interessa apenas a círculos privados, mas de uma tarefa confiada à Igreja, e que também não se trata de soluções isoladas mais ou menos ocasionais, mas de uma responsabilidade comum de toda a Igreja. A compreensível retração no tratamento dessa tarefa pouco repensada deve gradualmente ser substituída pela disposição da Igreja em colaborar. A variedade de novas formas de comunhão eclesiástica desafia a colaboração vigilante de todos os responsáveis. A exposição a seguir entende-se apenas como uma contribuição a essa pergunta abrangente que, na medida do possível, pretende também oferecer uma ajuda para esclarecer a teoria e de como pô-la em prática.

# I

## COMUNHÃO

“Como é bom, como é agradável habitar todos juntos como irmãos!” (Salmo 133.1). A seguir veremos algumas diretrizes e regras que as Escrituras Sagradas oferecem para a vida em comunhão sob a Palavra.

Não é óbvio que a pessoa cristã viva entre cristãos. Jesus Cristo viveu em meio a seus adversários. Por fim, todos os discípulos o abandonaram. Na cruz, ele esteve em total solidão, cercado de malfeitores e zombadores. Foi para isso que ele veio: para trazer a paz aos inimigos de Deus. Assim também o lugar do cristão não é na reclusão da vida monacal, mas em meio aos inimigos. É ali que está sua missão, sua tarefa. “O Reino tem que ser estabelecido em meio aos teus inimigos. Quem não quiser se sujeitar a isso não quer ter parte no Reino de Cristo, mas quer viver cercado de amigos, viver em um mar de rosas, na companhia de gente piedosa, jamais de gente má. Ó blasfemadores e traidores de Cristo! Se Cristo tivesse agido como vocês, quem teria se salvo?” (Lutero)

“Eu os sementarei entre os povos, mas de longe se lembrarão de mim” (Zacarias 10.9). Pela vontade de Deus, a cristandade é um povo disperso, disperso como semente “entre todos os reinos da terra” (Deuteronômio 28.25). Essa é a sua maldição e a sua promessa. O povo de Deus viverá em terras distantes, entre os descrentes, mas será a semente do Reino de Deus no mundo inteiro.

“Assobiarei para reuni-los porque eu os resgatei”, “e retornarão” (Zacarias 10.8 e 9). Quando isso acontecerá? Já aconteceu em Jesus Cristo que morreu “para congregar na unidade todos os filhos de Deus dispersos” (João 11.52), e acontecerá de forma visível no final dos tempos, quando os anjos de Deus ajuntarem os escolhidos de Deus dos quatro cantos da terra, de um lado do mundo até o outro (Mateus 24.31). Até lá o povo de Deus continua na dispersão, tendo Jesus Cristo como único laço de união, unificados pelo fato de, dispersos entre os descrentes, conservarem sua memória em países estranhos.

O privilégio que cristãos têm de viverem já agora em comunhão visível com outros cristãos, no período entre a morte de Cristo e o juízo final, é apenas uma antecipação misericordiosa das coisas derradeiras. É graça de Deus uma comunidade poder reunir-se neste mundo, de maneira visível, em torno da Palavra de Deus e dos Sacramentos. Nem todos os cristãos compartilham dessa graça. As pessoas presas, doentes, solitárias na dispersão, que pregam o Evangelho em terras pagãs estão sozinhas. Elas sabem que a comunhão visível é graça. E oram junto com o salmista: “Eu irei ao altar de Deus, ao Deus que me alegra. Vou exultar e celebrar-te com a harpa” (Salmo 42.4). No entanto, permanecem solitárias, semente dispersa em terras distantes, conforme a vontade de Deus. Porém, elas apreendem tanto mais veementemente pela fé o que lhes é negado como experiência visível. Assim João, o discípulo exilado do Senhor, o apocalíptico, celebra o culto celestial com suas igrejas na solidão da ilha de Patmos “no dia do Senhor, dominado pelo Espírito de Deus” (Apocalipse 1.10). Ele vê os sete candelabros, que são suas igrejas; as sete estrelas, que são os anjos das comunidades; e, no meio e por cima de tudo isso, o Filho do Homem, Jesus Cristo, na imensa glória do Ressurreto. Esse fortalece-o e consola-o com sua Palavra. Esta é a comunhão celestial da qual participa o exilado no dia da ressurreição de seu Senhor.

A presença física de outros cristãos constitui para o cristão uma fonte de alegria e fortalecimento incomparáveis. Invadido por gran-

de saudade, Paulo pede a presença de Timóteo, “meu querido filho na fé”, para fazer-lhe companhia na prisão nos últimos dias de vida, quer revê-lo e tê-lo a seu lado. Paulo não esqueceu as lágrimas de Timóteo por ocasião de sua última despedida (2 Timóteo 1.4). Ao recordar da comunidade de Tessalônica, Paulo ora: “Noite e dia rogamos com instância poder rever-nos” (1 Tessalonicenses 3.10), e o velho João sabe que a alegria com os seus só será completa quando puder visitá-los e falar com eles pessoalmente, ao invés de lhes escrever (2 João 12). Não é vergonha o crente ter saudade da companhia de outros cristãos, como se isso fosse sinal de viver ainda por demais na carne. O ser humano é criado como carne, na carne apareceu o Filho de Deus na terra por amor a nós, na carne foi ressuscitado, na carne o crente recebe Cristo no Sacramento, e a ressurreição dos mortos levará à comunhão perfeita das criaturas espírito-carnais de Deus. Através da presença física do irmão, o crente louva o Criador, Reconciliador e Salvador, Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Na proximidade do irmão cristão, o preso, o doente, o cristão na diáspora reconhece um gracioso sinal físico da presença do Deus triúno. Na solidão, visitante e visitado reconhecem um no outro o Cristo presente na carne, recebem e se encontram como se com o Senhor se encontrassem – em reverência, humildade e alegria. Aceitam a bênção um do outro como do próprio Senhor Jesus Cristo. Se um único encontro com um irmão traz tanta felicidade, que riqueza inesgotável deve se abrir àqueles que, pela vontade de Deus, são considerados dignos de viver em comunhão diária com outros cristãos! Obviamente o que para a pessoa solitária é indizível graça de Deus, facilmente pode ser desprezado e pisado pela pessoa que goza desse privilégio todos os dias. Facilmente esquece-se que a comunhão dos irmãos cristãos é um presente gracioso procedente do Reino de Deus, que pode nos ser tirado a qualquer hora, e que talvez um prazo muito curto de tempo esteja nos separando da mais profunda solidão. Por isso, quem pode até este momento viver em comunhão com outros irmãos, que louve a graça de Deus do fundo do coração, agradeça a Deus de joelhos e reconheça:

é graça, nada mais do que graça, o fato de que hoje ainda podemos viver em comunhão com irmãos cristãos.

É variada a medida da graça da comunhão visível que Deus concede. Uma visita rápida de um irmão cristão, uma oração em conjunto e a bênção fraterna consolam o cristão que vive na diáspora, uma carta escrita pela mão de um cristão conforta-o. As saudações escritas a próprio punho por Paulo em suas cartas eram, sem dúvida, sinais de tal comunhão. Outras pessoas desfrutam da comunhão do culto dominical. Outras ainda levam uma vida cristã na comunhão familiar. Antes de serem ordenados, jovens teólogos recebem o presente da vida em comunhão com os irmãos por determinado período. Nas comunidades cristãs de fato desperta hoje o desejo de aproveitar os intervalos entre um e outro período de trabalho para um momento de comunhão com outros cristãos sob a Palavra. Os cristãos de hoje compreendem de novo a vida em comunhão como sendo a graça, que ela é de fato, como o extraordinário, “as rosas e os lírios” da vida cristã (Lutero).

Comunhão cristã é comunhão por meio de Jesus Cristo e em Jesus Cristo. Não há comunhão cristã que seja mais ou menos do que isso. Quer seja um único e breve encontro ou uma comunhão diária que perdure há anos, a comunhão cristã é somente isso. Perencemos uns aos outros tão-somente por meio de e em Jesus Cristo.

O que significa isso?

*Em primeiro lugar, isso significa que um cristão precisa do outro por amor a Jesus Cristo.*

*Em segundo lugar, isso significa que um cristão só consegue chegar ao outro por meio de Jesus Cristo.*

*E em terceiro lugar, isso significa que nós fomos eleitos desde a eternidade, aceitos no tempo e unidos para a eternidade em Jesus Cristo.*

*Primeiro:* Cristã é aquela pessoa que já não busca a sua salvação, a sua redenção e a sua justificação em si mesma, mas exclusivamente em Jesus Cristo. Ela sabe que a Palavra de Deus em Jesus Cristo a condena, mesmo que ela não tenha consciência da própria culpa, e que a Palavra de Deus em Jesus Cristo a absolve e a declare justa, mesmo que ela não tenha consciência de sua própria justiça. A pessoa cristã não vive mais de si mesma, nem da auto-acusação nem da autojustificação, mas da acusação e da justificação de Deus. Vive inteiramente a partir da sentença que Deus pronuncia sobre ela, sujeite-se a ela na fé, quer a condene, quer a absolve. Vida e morte do cristão não se encontram nele mesmo; ele encontra ambas exclusivamente na Palavra que vem a ele de fora, na Palavra de Deus para ele. Os reformadores expressaram-no assim: nossa justiça é uma “justiça alheia”, uma justiça de fora (*extra nos*). Com isso eles queriam dizer que o cristão depende da Palavra de Deus que lhe é dirigida. Ele está orientado para fora, para a Palavra que vem a seu encontro. O cristão vive totalmente da verdade da Palavra de Deus em Jesus Cristo. Perguntando-lhe sobre onde está sua salvação, sua felicidade, sua justiça, ele jamais poderá apontar para si mesmo, mas para a Palavra de Deus em Jesus Cristo que lhe assegura salvação, felicidade e justiça. O cristão anseia ardentemente por esta Palavra. Porque não passa um dia em que não sinta fome e sede de justiça, anseia sempre pela Palavra libertadora. Só de fora ela pode vir. Ele mesmo é pobre, está morto. A ajuda deve vir de fora, e ela veio e torna a vir diariamente na Palavra a respeito de Jesus Cristo, trazendo salvação, justiça, inocência e felicidade.

Deus, porém, colocou esta Palavra na boca de pessoas para que fosse difundida entre as pessoas. A pessoa que é atingida por ela, passa-a adiante para outras pessoas. Deus quis que procurássemos e achássemos sua Palavra viva no testemunho de irmãos, na boca de uma pessoa. Por isso o cristão precisa do cristão que lhe diga a Palavra de Deus, e necessita dele constantemente, quando a incerteza e o desânimo o assediam, pois não poderá ajudar a si mesmo sem burlar a verdade. Necessita do irmão como portador e proclamador

da Palavra salvífica de Deus. Precisa do irmão exclusivamente pela vontade de Jesus. O Cristo no próprio coração é mais fraco do que o Cristo na palavra do irmão; aquele é incerto, este é certo. Com isso se evidencia ao mesmo tempo o objetivo de toda comunhão entre cristãos: encontram-se como portadores da mensagem salvífica. É nessa qualidade que Deus permite que se encontrem e lhes apresente com comunhão. Jesus Cristo e a “justiça alheia” fundamentam sua comunhão. Podemos, pois, dizer que a comunhão cristã nasce unicamente da mensagem bíblica – e reformatória – da justificação do ser humano só por graça, e essa mensagem é a única razão da saudade dos cristãos uns dos outros.

*Segundo:* Um cristão só chega a outro através de Jesus Cristo. Entre as pessoas reina a discórdia. “Ele é a nossa paz” (Efésios 2.14), afirma Paulo a respeito de Jesus Cristo no qual a velha humanidade dilacerada tornou a unificar-se. Sem Cristo há inimizade entre as pessoas e entre elas e Deus. Cristo tornou-se o mediador e trouxe a paz com Deus e entre as pessoas. Sem Cristo não conheceríamos Deus, não poderíamos invocá-lo nem vir a ele. Sem Cristo também não conheceríamos o irmão nem poderíamos encontrá-lo. O caminho está bloqueado pelo próprio eu. Cristo desobstruiu o caminho que leva a Deus e ao irmão. Agora os cristãos podem viver em paz uns com os outros, podem amar e servir uns aos outros, podem se tornar um. Contudo, também de agora em diante só poderão fazê-lo por meio de Jesus Cristo. Apenas em Jesus Cristo nós somos um, apenas por meio dele estamos unidos. Ele permanece o único mediador até a eternidade.

*Terceiro:* Ao tornar-se carne, o Filho de Deus assumiu verdadeira e corporalmente, por pura graça, nosso ser, nossa natureza, a nós mesmos. Era esse o eterno propósito do Deus triúno. Agora estamos nele. Onde ele está, carrega nossa carne, a nós mesmos. Onde ele está, ali estamos nós também – na encarnação, na cruz, na sua ressurreição. Pertencemos a ele, porque estamos nele. Por isso a Escritura nos chama de corpo de Cristo. Mas se, mesmo antes de poder-

mos saber e desejar, fomos eleitos e aceitos em Jesus Cristo com toda a comunidade, também lhe pertencemos todos juntos em eternidade. Nós que vivemos em sua comunhão aqui, estaremos um dia com ele em comunhão eterna. Quem olha para seu irmão, saiba que estará eternamente unido com ele em Jesus Cristo. Comunhão cristã é comunhão através de e em Jesus Cristo. Nessa pressuposição baseiam-se todos os ensinamentos e regras da Escritura acerca da vida em comunhão da cristandade.

“Não precisamos vos escrever sobre o amor fraterno; pois aprendestes pessoalmente de Deus a amar-vos mutuamente. Nós, porém, vos exortamos, irmãos, a progredir cada vez mais” (1 Tessalonicenses 4.9 e 10b). Deus mesmo assumiu a instrução no amor fraternal; tudo o que as pessoas podem acrescentar a isso é a lembrança daquela instrução divina e a admoestação de fazer ainda mais. Quando Deus teve misericórdia conosco, quando nos revelou Jesus Cristo como nosso irmão, quando conquistou nosso coração com seu amor, neste momento começou a instrução no amor fraternal. Sendo Deus misericordioso para conosco, aprendemos a ter misericórdia com nossos irmãos. Recebendo perdão ao invés de juízo, fomos habilitados a perdoar nossos irmãos. O que Deus fez conosco, isto estávamos devendo ao nosso irmão. Quanto mais havíamos recebido, tanto mais podíamos dar; quanto mais pobre nosso amor fraternal, visivelmente tanto menos vivíamos da misericórdia e do amor de Deus. Desta maneira, Deus mesmo nos ensinou a encontrarmos uns aos outros, assim como ele veio ao nosso encontro em Cristo. “Acolhei-vos, portanto, uns aos outros, como também Cristo vos acolheu, para a glória de Deus” (Romanos 15.7).

A partir daí, a pessoa que Deus colocou numa vida em comunhão com outros cristãos aprende o que significa ter irmãos. Paulo denomina sua comunidade de “meus irmãos” (Filipenses 1.14). Apenas através de Jesus Cristo alguém é irmão de outrem. Sou irmão de outra pessoa através daquilo que Jesus Cristo fez para mim e em mim; a outra pessoa se tornou meu irmão através daqui-

lo que Jesus Cristo fez nela e para ela. O fato de sermos irmãos exclusivamente através de Jesus Cristo tem um significado imensurável. O irmão com o qual lido na comunhão não é aquela pessoa honesta, ansiosa por fraternidade e piedosa que está diante de mim, mas é a pessoa redimida por Cristo, justificada, chamada para a fé e para a vida eterna. Nossa comunhão não pode ser baseada naquilo que a pessoa é em si, em sua espiritualidade e piedade. Determinante para nossa fraternidade é aquilo que a pessoa é a partir de Cristo. Nossa comunhão consiste unicamente no que Cristo fez por nós dois. E isso não é assim apenas no início, como se, no decorrer do tempo, algo fosse acrescentado a essa comunhão, mas assim será para todo o futuro e em toda a eternidade. Só tenho e terei comunhão com outra pessoa através de Jesus Cristo. Quanto mais autêntica e profunda fôr nossa comunhão, tanto mais tudo o resto ficará em segundo plano, com tanto mais clareza e pureza Jesus Cristo, unica e exclusivamente ele, e sua obra se tornarão vivos entre nós. Temos uns aos outros apenas através de Cristo, mas através de Cristo nós de fato temos uns aos outros, inteiramente para toda a eternidade.

Isso acaba de antemão com todo o desejo sombrio por mais. Quem deseja mais do que Cristo estabeleceu entre nós não procura fraternidade cristã, busca quaisquer experiências extraordinárias de comunhão que não pode encontrar em outra parte, traz desejos confusos e impuros para dentro da fraternidade cristã. É exatamente neste ponto, na maioria das vezes logo de início, que a fraternidade cristã corre o maior perigo, o envenenamento mais íntimo, ou seja, confundir fraternidade cristã com um ideal de comunhão piedosa, misturar o anseio natural do coração piedoso por comunhão com a realidade espiritual da fraternidade cristã. Para a fraternidade cristã é muito importante que fique claro desde o início o seguinte:

*Primeiro: fraternidade cristã não é um ideal, mas uma realidade divina.*

*Segundo: fraternidade cristã é uma realidade espiritual e não psíquica.*

Numerosas vezes, toda uma comunhão cristã faliu porque vivia de um ideal. Justamente o cristão sério, aquele que pela primeira vez entra em contato com uma comunhão de vida cristã, muitas vezes trará consigo uma determinada imagem do tipo de vida em comum cristã e se empenhará em colocá-la em prática. No entanto, é a graça de Deus que logo levará tais sonhos ao fracasso. A grande decepção com os outros, com os cristãos em geral e, se correr tudo bem, também conosco mesmos, precisa nos vencer, tão certo como Deus quer nos levar ao conhecimento da verdadeira comunhão cristã. Em sua imensa graça, Deus não permite que vivamos, nem por poucas semanas, em um sonho, que nos entreguemos àquelas experiências embriagadoras e a essa euforia que nos assalta como um êxtase. Pois Deus não é o Deus de emoções, mas da verdade. Somente a comunhão que passa pela grande decepção, com seus maus e desagradáveis aspectos, começa a ser o que ela deve ser diante de Deus, começa a apossar-se na fé da promessa recebida. Quanto mais cedo a pessoa e a comunidade passarem por esta decepção, tanto melhor para ambas. Uma comunhão que não suporte e não sobreviva a uma tal decepção, que se agarre a seu ideal quando ele é para ser destruído, perde na mesma hora a promessa de comunhão duradoura, e se desmanchará mais cedo ou mais tarde. Qualquer ideal humano, introduzido na comunhão cristã, impede a comunhão autêntica e precisa ser destruído, para que a autêntica comunhão possa existir. A pessoa que ama mais seu sonho de uma comunhão cristã do que a própria comunhão cristã, destruirá qualquer comunhão cristã, mesmo que pessoalmente essa pessoa seja honesta, séria e abnegada.

Deus odeia as fantasias, pois elas tornam a pessoa orgulhosa e pretenciosa. Quem idealiza uma imagem de comunhão, exige de Deus, das outras pessoas e de si mesmo que ela se torne realidade. Entra na comunhão cristã colocando exigências, estabelece uma lei



própria e a partir dela julga os irmãos e até mesmo Deus. Comporta-se com rigidez, como uma acusação viva para todos os demais no círculo de irmãos. Age como se precisasse criar primeiro a comunhão cristã, como se seu ideal fosse unir as pessoas. Tudo o que não acontece de acordo com sua vontade é considerado como fracasso. Lá onde essa pessoa vê seu ideal ser destruído, ela vê a comunhão se quebrando. Assim, primeiro ela se torna acusadora de irmãos, então de Deus, e, por fim, acusadora desesperada de si mesma. Não entramos na comunhão com outros crentes colocando exigências, mas com gratidão e como agraciados, porque Deus já colocou o único fundamento de nossa comunhão, porque há muito, mesmo antes de entrarmos na comunhão com outros cristãos, Deus já nos uniu com eles num só corpo em Jesus Cristo. Agradecemos a Deus pelo que fez por nós. Agradecemos a Deus por ele nos dar irmãos que vivam sob seu chamado, seu perdão e sua promessa. Não nos queixamos por aquilo que Deus não nos dá, mas agradecemos pelo que ele nos dá diariamente. Por acaso não basta o que nos é dado: irmãos que, em pecado e tribulação, ficam ao nosso lado sob sua bênção e graça? Ou a dádiva de Deus de uma comunhão cristã em algum dia, também nos dias difíceis e desventurados, será menos do que essa grandeza imensurável? Mesmo quando pecado e desentendimento pesam sobre a comunhão, o irmão pecador não permanece sendo o irmão junto do qual estou colocado sob a palavra de Cristo? Seu pecado não se torna um motivo para renovadamente dar graças por podermos ambos viver sob o amor perdoador de Deus em Jesus Cristo? Não se tornará incomparavelmente salutar para mim a hora da grande desilusão, pois ela me ensina que nós dois jamais poderemos viver de palavras e obras próprias, mas unicamente daquela uma palavra e uma obra que de fato nos une, a saber, do perdão dos pecados em Jesus Cristo? Lá, onde o nevoeiro matutino dos ideais se dissipa, nasce fulgurante o dia da comunhão cristã.

Na comunhão cristã acontece o mesmo com o agradecimento que nas demais áreas da vida cristã. Apenas quem agradece pelas pequenas coisas, recebe também as grandes. Nós impedimos Deus

de nos presentear com as grandes dádivas espirituais que ele reserva para nós, porque não lhe agradecemos pelas dádivas cotidianas. Achamos que não devemos nos dar por satisfeitos com a pequena medida de reconhecimento espiritual, experiência e amor que nos foi proporcionada, e que devemos sempre aspirar aos dons supremos. Então nos queixamos da falta da grande certeza, da fé vigorosa, da experiência rica que Deus, afinal, concedeu a outros cristãos. E achamos que estas queixas são piedosas. Oramos pelas grandes coisas e esquecemos de agradecer pelas pequenas dádivas do dia-a-dia (que na verdade não são tão pequenas assim!). Mas como Deus pode confiar coisas grandes a quem não aceita com gratidão as pequenas coisas de sua mão? Se não agradecemos todos os dias pela comunhão cristã em que vivemos, também ali onde não há grandes experiências, nenhuma riqueza palpável, mas muita fraqueza, pequenez de fé e dificuldades; se não fazemos outra coisa senão nos lamentar perante Deus por tudo ser ainda tão pobre, tão pequeno, tão diferente do que esperávamos, então impedimos Deus de fazer crescer nossa comunhão segundo a medida e riqueza à disposição de todos em Jesus Cristo.

Isso também se aplica, de modo especial, às queixas tantas vezes ouvidas de pastores e membros zelosos sobre suas comunidades. Um pastor não deve se queixar de sua comunidade, de forma alguma diante de outras pessoas, mas também não perante Deus; não lhe foi confiada uma comunidade para que ele se tornasse seu acusador diante das pessoas e de Deus. Quem desconfiar de uma comunhão cristã, na qual é colocado, e a acusar, que se examine antes a si mesmo para assegurar-se de que não são somente seus sonhos idealistas que estão sendo dismantelados por Deus. E se descobrir que é isso mesmo, que dê graças a Deus que o fez passar por este sofrimento. Mas se descobrir que não é este o caso, ainda assim que se cuide para não se tornar acusador da comunidade de Deus, antes a si mesmo se acuse de sua falta de fé, ore a Deus por reconhecimento de seu próprio fracasso e seu pecado específico, ore que não se torne culpado perante os irmãos, no reconhecimento de sua própria culpa

faça intercessão pelos irmãos, execute aquilo de que foi incumbido e dê graças a Deus.

Com a comunhão cristã ocorre o mesmo que com a santificação dos cristãos. Ela é um presente de Deus, ao qual não temos direito. Somente Deus sabe em que situação se encontra nossa comunhão, nossa santificação. O que parece fraco e pequeno para nós, pode ser grande e maravilhoso para Deus. Assim como o cristão não é para ficar constantemente medindo o pulso de sua vida espiritual, assim também a comunhão cristã não nos foi presenteada por Deus para que fiquemos medindo sua temperatura a todo o instante. Quanto maior a gratidão com que recebemos todos os dias o que nos é dado, com tanto mais certeza e regularidade nossa comunhão crescerá dia após dia conforme a benevolência de Deus.

Fraternidade cristã não é um ideal que nós devêssemos realizar. É uma realidade criada por Deus, em Cristo, da qual podemos tomar parte. Com quanto mais clareza aprendermos a reconhecer o fundamento, a força e a promessa de toda nossa comunhão somente em Jesus Cristo, tanto mais calmamente aprenderemos a pensar sobre nossa comunhão, a orar e esperar por ela.

Por se fundamentar unicamente em Jesus Cristo, a comunhão cristã é uma realidade espiritual e não psíquica. Nisso ela se distingue fundamentalmente de todas as demais comunhões. Pneumático = "espiritual" é como a Bíblia chama as coisas criadas só pelo Espírito Santo, que implanta Jesus Cristo em nossos corações como Senhor e Salvador. Psíquico = "anímico" é como a Escritura denomina as coisas que procedem dos instintos, das forças e faculdades naturais da alma humana.

O fundamento de toda realidade pneumática é a Palavra de Deus clara e revelada em Jesus Cristo. O fundamento de toda realidade psíquica são os estímulos e os anseios obscuros e turvos da alma humana. O fundamento da comunhão espiritual é a verdade; o fundamento da comunhão anímica é o desejo. A essência da comunhão

espiritual é a luz – "Deus é luz e nele não há treva alguma" (1 João 1.5), e "se caminhamos na luz, como ele está na luz, estamos em comunhão uns com os outros" (1 João 1.7). A essência da comunhão anímica são as trevas – "É de dentro, do coração dos homens que saem as intenções malignas" (Marcos 7.21). É a noite escura que paira sobre a origem de toda a atividade humana e, de modo especial, também sobre todos os nobres e piedosos impulsos. Comunhão espiritual é a comunhão das pessoas chamadas por Cristo, anímica é a comunhão das almas piedosas. Na comunhão espiritual vive o radiante amor do serviço fraternal, o ágape; na comunhão anímica arde o amor obscuro do impulso ímpio-piedoso, o eros. Naquela há o serviço fraternal ordenado, e nesta, o desejo desordenado por prazer; naquela há a submissão humilde entre os irmãos, nesta, a submissão humilde-orgulhosa dos irmãos aos próprios desejos. Na comunhão espiritual reina a Palavra de Deus somente; na comunhão anímica, porém, ao lado da Palavra, reina também a pessoa dotada de poderes, experiências e capacidades sugestivo-mágicas especiais. Na primeira, o que liga é somente a Palavra de Deus, na segunda, além da Palavra, também a pessoa liga a si mesma. Naquela, todo o poder, honra e domínio estão entregues ao Espírito Santo; nesta, são buscadas e cultivadas esferas de poder e influência pessoais, com certeza, à medida que se trata de pessoas piedosas, na intenção de servir ao maior e melhor, mas, na verdade, para derrubar do trono o Espírito Santo e empurrá-lo para uma distância irre-al. Realmente, aqui resta apenas o elemento anímico. Assim, na comunhão espiritual reina o Espírito, na comunhão anímica, a técnica psicológica, o método; naquela o amor serviçal, ingênuo, pré-psicológico, pré-metódico pelo irmão, nesta, a análise e a construção psicológica; naquela, o serviço humilde e criativo ao irmão, e nesta, o tratamento investigador, calculista de pessoas estranhas.

Talvez o contraste entre a realidade espiritual e a anímica fique mais claro através da seguinte observação: Dentro da comunhão espiritual nunca e de forma alguma há uma relação "imediate" entre uma pessoa e outra, enquanto que na comunhão anímica existe

um profundo e original desejo da alma por comunhão, por contato direto com outras almas humanas, assim como na carne vive o desejo por união imediata com outra carne. Esse desejo da alma humana busca a total fusão do eu e do tu, seja na união por amor, seja – o que vem a ser mesma coisa – na submissão violenta do outro sob a própria esfera de poder e de influência. Aqui, a pessoa animicamente mais forte encontra seu espaço e conquista a admiração, o amor ou o temor da pessoa mais fraca. Aqui, ligações, sugestões, servidão humanas são tudo, e na comunhão imediata das almas se reflete de forma distorcida tudo o que originalmente era próprio da comunhão estabelecida por Cristo.

Nesse sentido, existe uma conversão “anímica”. Manifesta-se com todos os sinais de uma conversão autêntica nos casos em que uma pessoa ou uma comunidade inteira são abaladas profundamente e fascinadas pelo abuso consciente ou inconsciente do excesso de poder de uma pessoa. Nesse caso, uma alma agiu diretamente sobre outra alma. O forte venceu o fraco, a resistência do mais fraco cedeu sob a pressão da personalidade do outro. O fraco foi violentado, mas não foi convencido da coisa. Isto fica claro no momento em que se exige dele um empenho pela causa, que precisa acontecer independente da pessoa à qual está ligado, ou até em oposição a ela. Aqui, a pessoa animicamente convertida fracassa, revelando que sua conversão não foi obra do Espírito Santo, mas de uma pessoa, e que por isso não subsiste.

Do mesmo modo, também há um amor ao próximo “anímico”. Ele é capaz dos sacrifícios mais incríveis, e, muitas vezes, supera em muito o legítimo amor cristão devido a sua dedicação ardorosa e seus êxitos evidentes, fala a linguagem cristã com eloquência imponente e arrebatadora. Contudo, trata-se do amor do qual Paulo disse: “Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse o meu corpo às chamas” – ou seja, se aliasse as maiores obras de caridade à extrema dedicação – “se eu não tivesse amor, isso nada me adiantaria” (1 Coríntios 13.3). O amor anímico

ama a outra pessoa por amor a si mesmo; o amor espiritual ama a outra pessoa por amor a Cristo. Por essa razão, o amor anímico procura o contato imediato com o outro, não o ama em sua liberdade, mas como aquele que está preso a ele. Quer ganhar a todo custo, conquistar, assedia o outro, quer ser irresistível, quer dominar. O amor anímico não dá valor à verdade, relativiza-a, porque nada, nem mesmo a verdade, deve perturbar a relação com a pessoa amada. O amor anímico deseja o outro, sua comunhão, seu amor, mas não lhe serve. Ao contrário, antes o deseja também quando parece estar servindo. A diferença entre o amor espiritual e o anímico fica clara em dois aspectos, que no fundo são a mesma coisa: o amor anímico não suporta que se dissolva a comunhão que se tornou mentirosa por amor à verdadeira comunhão; o amor anímico não consegue amar o inimigo, aquele que se opõe com seriedade e tenacidade. Ambos brotam da mesma fonte: amor anímico é desejo por natureza, e desejo por comunhão anímica. Enquanto puder satisfazer, de alguma forma, esse desejo, ele não desistirá, nem por amor à verdade, nem por amor ao verdadeiro amor ao outro. Porém, no momento em que não puder mais esperar pela realização de seu desejo, esse será o seu fim, ou seja, com o seu inimigo. Ele se transformará em ódio, desprezo e calúnia.

Exatamente neste ponto é que começa o amor espiritual. Por isso é que o amor anímico se transforma em ódio pessoal ao encontrar-se com o autêntico amor espiritual que não deseja, mas serve. O amor anímico tem em si mesmo sua meta, sua obra, seu ídolo que ele adora, ao qual tudo deve estar sujeito. Cuida, cultiva e ama a si mesmo e nada mais no mundo. O amor espiritual, no entanto, procede de Jesus Cristo, serve somente a ele e sabe que não tem acesso imediato ao outro. Cristo está entre mim e o outro. Eu não sei o que significa o amor ao outro previamente, com base na concepção geral de amor, resultante de meu desejo anímico. Perante Cristo, tudo pode muito bem ser ódio e o pior tipo de egoísmo. Somente Cristo me dirá por sua Palavra o que é o amor. Contra todas as idéias e convicções próprias, Jesus Cristo me dirá como, na verdade, é o amor ao irmão. Por isso, o

amor espiritual está ligado exclusivamente à Palavra de Jesus Cristo. Onde Cristo me ordenar a manter comunhão por amor, eu a manterei. Onde Cristo me ordenar a dissolver a comunhão, eu a dissolverei, apesar de todos os protestos do meu amor anímico. Porque o amor espiritual não deseja, mas serve, ele ama o inimigo como a um irmão. Ele não nasce nem do irmão nem do inimigo, mas de Cristo e sua Palavra. O amor anímico jamais poderá compreender o amor espiritual, pois o amor espiritual vem do alto, é estranho a todas as formas de amor terrenas, é novo, incompreensível.

Por Cristo estar entre mim e o outro, não posso desejar por comunhão imediata com ele. Assim como só Cristo pode falar comigo para me ajudar, da mesma forma também o outro só pode encontrar ajuda no próprio Cristo. Mas isso também significa que eu tenho que libertar o outro de todas as tentativas de determiná-lo, coagi-lo e dominá-lo com meu amor. Liberto de mim, o outro quer ser amado tal como é, como aquele por quem Cristo se tornou humano, morreu e ressuscitou, para qual Cristo conquistou o perdão dos pecados e para quem tem preparado uma vida eterna. Muito antes de eu poder agir, Cristo agiu decisivamente em favor do irmão, por isso devo deixá-lo livre para Cristo. Ele deverá encontrar-se comigo apenas como aquele que ele já é em Cristo. Esse é o sentido da afirmação de que podemos nos encontrar com o outro somente através da mediação de Cristo. O amor anímico cria sua própria imagem a respeito do outro, do que ele é e do que ele deverá ser. Ele toma em suas mãos a vida do outro. O amor espiritual reconhece a verdadeira imagem do outro a partir de Cristo, a imagem que Jesus Cristo cunhou e ainda quer cunhar.

Portanto, o amor espiritual se comprovará pelo fato de que em tudo que diz ou fala, recomendará o outro a Cristo. Não tentará provocar o abalo psíquico do outro por meio de influência por demais pessoal e direta, por meio da intervenção impura na vida do outro; não se alegrará com o fervor exagerado e a excitação piedosa e anímica. Irá ao encontro do outro com a clara Palavra de Deus,

disposto a deixá-lo sozinho por longo tempo com essa Palavra, e deixá-lo novamente livre para que Cristo aja nele. Respeitará os limites do outro, colocados entre nós por Cristo, e encontrará com ele a completa comunhão em Cristo, o único que nos liga e nos une. Assim, ele falará mais com Cristo sobre o irmão do que com o irmão sobre Cristo. Sabe que o caminho mais próximo ao irmão sempre passa através da oração a Cristo e que o amor ao outro depende totalmente da verdade em Cristo. Impulsionado por esse amor, João escreve: "Não há alegria maior para mim do que saber que os meus filhos vivem na verdade" (3 João 4).

O amor anímico vive do desejo obscuro incontrolado e incontrolável; o amor espiritual vive na clareza do serviço ordenado através da verdade. O amor anímico produz escravidão humana, dependência, constrangimento; o amor espiritual cria a liberdade dos irmãos sob a Palavra. O amor anímico germina flores artificiais de estufa; o amor espiritual produz os frutos que se desenvolvem sob o céu aberto de Deus, sob chuva, tempestade e sol, sadios, como agrada a Deus.

É questão de sobrevivência para qualquer comunhão cristã trazer à luz a tempo a capacidade de discernimento entre ideal humano e realidade divina, entre comunhão espiritual e anímica. Vida e morte de uma comunhão cristã dependem de ela alcançar, o mais cedo possível, sobriedade nesse ponto. Em outras palavras: uma vida em comum sob a Palavra só permanecerá saudável quando se revelar não como movimento, ordem, associação, *collegium pietatis*, mas quando se compreender como parte da una, santa e universal igreja cristã, onde ela participa, atuando e sofrendo, do sofrimento, da luta e da promessa de toda a Igreja. Todo princípio seletivo e a conseqüente separação, que não seja condicionada com toda a objetividade por trabalho conjunto, circunstâncias locais ou relações familiares é extremamente perigoso para uma comunhão cristã. No processo da seleção intelectual ou espiritual infiltra-se renovadamente o aspecto anímico e tira o poder e a eficiência espiritual da comunhão a favor da comunidade, impelindo-a ao sectarismo. A

COMUNHÃO  
ELEITA

exclusão do fraco e do desprezível pode até mesmo significar a exclusão de Cristo que bate à nossa porta na forma de irmão pobre. Por isso devemos ter o máximo de cuidado nesse ponto.

À primeira vista, poder-se-ia pensar que a mistura de ideal e realidade, do anímico e espiritual seja mais provável em uma comunhão, cuja estrutura tenha vários níveis, ou seja, onde o anímico por si já tenha uma importância central para a constituição da comunhão, no casamento, na família, no círculo de amigos, e onde o espiritual se associe aos fatores anímico-físicos apenas como mais um fator. De acordo com essa idéia, o perigo de confundir e misturar as duas esferas existiria somente nesse tipo de comunhão, enquanto que dificilmente poderia ocorrer numa comunhão puramente espiritual. Pensando dessa forma, porém, cometemos um grande engano. De acordo com toda a experiência e, fácil de se constatar, também de acordo com o fato, acontece exatamente o contrário. Um casamento, uma família e uma amizade conhecem bem os limites das forças que formam sua comunhão; se é sadia, sabe muito bem onde é o limite do anímico e onde começa o espiritual. Tem consciência do contraste entre comunhão anímico-física e comunhão espiritual. Ao contrário, exatamente onde se reúne uma comunhão estritamente espiritual é que o perigo está muito mais perto, de que elementos anímicos sejam introduzidos e misturados nesta comunhão. Uma vida em comunhão puramente espiritual não é apenas perigosa, mas também um fenômeno totalmente anormal.

Onde a comunhão físico-familiar ou a comunhão de trabalho sério, onde a vida cotidiana com todas as suas exigências às pessoas trabalhadoras não se projetar para dentro da comunhão espiritual, lá exige-se vigilância e sobriedade especiais. Por essa razão – a experiência o mostra – é justamente em retiros de curta duração que se propaga com maior facilidade o elemento anímico. Nada mais fácil do que provocar o êxtase da comunhão em poucos dias de vida em comunhão, e nada mais funesto do que isso para a comunhão de vida fraternal, sadia e sóbria no dia-a-dia.

Provavelmente não há pessoa cristã a quem Deus não tenha presenteado, pelo menos uma vez em sua vida, com a sublime experiência da comunhão cristã autêntica. Porém tal experiência, neste mundo, não passa de um gracioso adicional ao pão nosso de cada dia de comunhão cristã. Não temos direito a tais experiências, e não vivemos junto com outras pessoas cristãs só por causa de tais experiências. Não é a experiência da fraternidade cristã que nos mantém unidos, mas a fé firme e segura na fraternidade. Que Deus agiu em todos nós e quer continuar agindo é o que aceitamos, na fé, como o maior presente de Deus. E isso nos enche de alegria e felicidade, mas também nos torna dispostos a renunciar a todas as experiências quando Deus, naquele momento, não quiser concedê-las para nós. Estamos unidos na fé, não na experiência.

“Como é bom, como é agradável habitar todos juntos como irmãos!” (Salmo 133.1). Assim a Sagrada Escritura louva a vida em comunhão sob a Palavra. Em uma interpretação correta da palavra “unidos”, podemos agora dizer: “vivam unidos os irmãos em Cristo”, pois unicamente Jesus Cristo é nossa união. “Ele é a nossa paz” (Efésios 2.14). Somente através dele temos acesso uns aos outros, alegramo-nos e temos comunhão uns com os outros.

# 2

## A COMUNHÃO DIÁRIA

De manhã, ó Deus, nós te louvamos,  
também à noite a ti oramos.  
Gloria-te nosso pobre hino  
agora, sempre e em eterno.  
(Lutero, segundo Ambrósio)

“A Palavra de Cristo habite em vós ricamente” (Colossenses 3.16). No Antigo Testamento, o dia começa com o anoitecer e se estende até o próximo pôr-do-sol. Esse é o tempo da espera. O dia da comunidade neotestamentária inicia com o alvorecer e termina com a aurora da nova manhã. Esse é o tempo do cumprimento, da ressurreição do Senhor. Cristo nasceu durante a noite, uma luz nas trevas; o meio-dia se converteu em noite quando Cristo sofreu e morreu na cruz. No alvorecer do dia da Páscoa, porém, Cristo saiu vitorioso da sepultura.

“Bem cedo, quando nasce a luz,  
ressurge o sol, Jesus;  
venceu da morte a escuridão  
e trouxe a vida e a salvação. Aleluia!”

Assim cantava a Igreja da Reforma. Cristo é o “sol da justiça” que nasceu para a comunidade que estava à espera (Malaquias 4.2 [Bíblia de Jerusalém: 3.20]) e “aqueles que te amam sejam como o sol quando se levanta na sua força! (Juízes 5.31). A madrugada

pertence à comunidade do Cristo ressurreto. Ao raiar o dia, ela lembra a manhã em que a morte, o diabo e o pecado jaziam derrotados e em que as pessoas foram presenteadas com nova vida e salvação.

O que nós sabemos hoje, nós que já não conhecemos o medo e o temor da noite, o que sabemos da grande alegria de nossos antepassados e da cristandade antiga pelo retorno da luz matutina? Se quisermos reaprender algo do louvor devido ao triúno Deus, na primeira hora do dia – a Deus Pai e Criador que nos preservou a vida durante a escuridão da noite e que nos despertou para um novo dia; a Deus Filho e Salvador do mundo que venceu a cova e o inferno e que está em nosso meio como vencedor; a Deus Espírito Santo que, ao romper o dia, resplandece em nossos corações pela Palavra de Deus, expulsa toda escuridão e pecado e nos ensina a orar como convém – então começaremos a perceber algo da alegria que se sente quando, passada a noite, os irmãos que moram juntos em união se encontram, na primeira hora do dia, para juntos enaltecerem a Deus, ouvirem a Palavra e orarem. A manhã não pertence ao indivíduo, mas à Igreja do triúno Deus, à comunidade da família cristã, à fraternidade. São numerosos os hinos antigos que convocam a Igreja a louvar, cedo de manhã, em conjunto, a seu Deus:

Senhor, rendemos gratidão  
porque afastaste a escuridão!  
Protege-nos, ó Criador,  
do mal, por tua graça e amor.

Deus, eu rendo-te louvores,  
pois na noite que passou,  
das angústias e das dores  
teu amor me libertou.

E Satã com seu poder  
não me conseguiu vencer.  
Ao acordar-me, Deus Senhor,  
alegre te agradeço.

Escuta, ó Deus, o meu louvor  
que grato te ofereço.

Louvado seja o teu poder!  
É tua caridade  
que novamente eu possa ver  
do dia a claridade.

A vida em comunhão sob a Palavra começa com o culto em conjunto na primeira hora da manhã. A comunidade reúne-se para louvar e agradecer, ouvir a leitura da Bíblia e orar. O profundo silêncio matinal só será rompido pela oração e pelo canto da comunidade. Após o silêncio da noite e da aurora, mais inteligível será o canto e a Palavra de Deus. A Escritura Sagrada diz que o primeiro pensamento e a primeira palavra do dia pertencem a Deus: “De manhã ouves a minha voz; de manhã eu te apresento minha causa e fico esperando” (Salmo 5.3), “minha prece chega a ti pela manhã” (Salmo 88.14), “Meu coração está firme, ó Deus, meu coração está firme; eu quero cantar e tocar! Desperta, glória minha, desperta cítara e harpa, vou despertar a aurora!” (Salmo 57.8). Com o despertar do dia, a pessoa crente está sedenta e ansiosa por Deus: “Antecipo a aurora e imploro, esperando pelas tuas palavras” (Salmo 119.147); “Ó Deus, tu és o meu Deus; eu te procuro. A minha alma tem sede de ti, minha carne te deseja com ardor, como terra seca, esgotada, sem água” (Salmo 63.2). A sabedoria de Salomão queria que “se soubesse que é preciso madrugar mais que o sol para te dar graças, e desde o raiar do dia, te encontrar” (Sabedoria 16.28), e Jesus Siraque recomenda de modo especial aos escribas “de se lembrar de levantar-se cedo, para buscar o Senhor que o criou e ore perante o Altíssimo” (39.6). A Sagrada Escritura refere-se também à manhã como sendo a hora da ajuda especial de Deus. A respeito da cidade de Deus se diz: “Deus a socorre ao romper da manhã” (Salmo 46.6). E em outra parte: “suas compaixões não se esgotam; elas se renovam todas as manhãs” (Lamentações 3.22-23).

O início do dia dos cristãos não deve ser logo carregado e perturbado com as muitas preocupações do dia de trabalho. No limiar do novo dia ergue-se o Senhor que o fez. Todas as trevas e a confusão da noite, com seus sonhos, somente recuam perante a clara luz de Jesus Cristo e sua Palavra que desperta. Diante dele foge toda inquietude, impureza, preocupação e medo. Por isso, calem-se cedo de manhã todos os pensamentos e as palavras vãs, e o primeiro pensamento e a primeira palavra pertençam àquele ao qual pertence toda a nossa vida. “Ó tu, que dormes, desperta e levanta-te de entre os mortos, que Cristo te iluminará” (Efésios 5.14).

Chama a atenção a frequência com que a Sagrada Escritura nos lembra que as pessoas de Deus se levantam cedo a fim de procurá-lo e executar a sua ordem: Abraão, Jacó, Moisés, Josué (confira Gênesis 19.27, 22.3; Êxodo 9.13, 24.4; Josué 3.1, 6.12). O Evangelho, que não tem palavra supérflua, relata acerca de Jesus: “De madrugada, estando ainda escuro, ele se levantou e retirou-se para um lugar deserto e ali orava” (Marcos 1.35). Há pessoas que levantam cedo por causa de inquietação e ansiedade. Isto a Escritura define como inútil: “É inútil que madrugeis, e que atraseis o vosso deitar para comer o pão com duros trabalhos” (Salmo 127.2). E também há pessoas que levantam cedo por amor a Deus. Esse era o costume das pessoas da Bíblia.

A devoção matutina conjunta constitui-se de leitura da Bíblia, canto e oração. Assim como as formas de comunhão são variadas, assim também as formas de devoção serão variadas. Não poderia ser diferente! Uma família com crianças necessita de uma devoção diferente da de uma comunidade de teólogos. Não é salutar quando uma se adapta à outra, por exemplo quando uma fraternidade de teólogos se contenta com uma devoção para crianças. Faz parte de toda devoção em conjunto:

- \* a palavra da Escritura,
- \* os hinos da Igreja,
- \* a oração da comunidade.

A seguir, abordaremos cada uma dessas partes.

“Falai uns aos outros com salmos” (Efésios 5.19), “ensinai e admoestai-vos uns aos outros e, em ação de graças a Deus, entoem vossos corações salmos” (Colossenses 3.16). Desde os tempos mais antigos, atribui-se na Igreja um significado especial à oração de salmos. Em muitas Igrejas, até hoje ela está no início de cada devoção comunitária. Entre nós, porém, essa prática perdeu-se amplamente, e temos que reencontrar o acesso à oração de salmos. O saltério ocupa um espaço singular no todo da Bíblia. É Palavra de Deus, e simultaneamente, com poucas exceções, oração de uma pessoa. Como compreender isso? Como pode a Palavra de Deus ser, ao mesmo tempo, oração a Deus?

Acresce-se a essa pergunta uma observação que toda pessoa que começa a orar os salmos faz. Primeiro ela tenta repeti-los, como se fossem sua oração pessoal. Em seguida, encontra passagens que sente não poder pronunciar como sendo sua oração pessoal. Podemos citar aqui os salmos de inocência, de vingança e, em parte também, os salmos de sofrimento. No entanto, essas orações são palavras da Escritura Sagrada que uma pessoa cristã crente não pode desfazer com justificativas banais, classificando-as como superadas, antiquadas ou então como “estágio religioso primário”... Portanto, ela não quer colocar-se acima da palavra da Escritura e, ao mesmo tempo, reconhece que não pode orar tais palavras. Pode ler e ouvir essas palavras como oração de uma outra pessoa, admirar-se e deixar-se estimular, mas não poderá nem usá-las como oração própria, muito menos riscá-las da Bíblia. Um conselho prático nesses casos poderia ser que cada pessoa se ativesse, de início, àqueles salmos que ela compreende e pode orar. Em relação aos demais salmos, que ela aprenda simplesmente a deixar de lado o que lhe parece incompreensível e difícil na Escritura e se volte constantemente ao simples e compreensível.

Na prática, contudo, a dificuldade descrita significa exatamente o ponto em que nos é permitido dar uma primeira espreitada no

mistério dos salmos. A oração de um salmo, que não conseguimos pronunciar, perante o qual hesitamos e nos espantamos, nos leva a imaginar que quem ora aqui é algum outro que aquele que protesta inocência, clama pelo juízo de Deus e que está no maior sofrimento, outro não é do que o próprio Jesus Cristo. É ele quem ora nessas passagens, e não somente nelas, como no saltério todo. O Novo Testamento e a Igreja sempre reconheceram e testemunharam isso. O homem Jesus Cristo, para quem nenhum sofrimento, nenhuma enfermidade, nenhuma aflição são desconhecidos e que, não obstante, era totalmente inocente e justo, ora nos salmos através da boca de sua comunidade. O saltério é o livro de oração de Jesus Cristo propriamente dito. Ele orou os salmos, e já agora eles constituem sua oração para todos os tempos. Compreendemos agora como o saltério pode ser, ao mesmo tempo, oração a Deus e palavra do próprio Deus? Precisamente porque nele encontramos o Cristo que ora. Jesus Cristo ora os salmos em sua comunidade. Sua comunidade também ora, sim, também a pessoa individual ora; mas ela ora conquanto Cristo ora nela. Não ora em seu próprio nome, mas em nome de Jesus Cristo. Quando ora não segue o desejo natural do coração, mas baseada na humanidade que Cristo assumiu, baseada na oração do homem Jesus Cristo. Só assim sua oração alcançou a promessa de ser ouvida. A oração alcança os ouvidos de Deus porque Cristo acompanha a oração da pessoa e da comunidade perante o trono de Deus, ou melhor, porque os que oram se unem à oração de Jesus Cristo. Cristo tornou-se seu intercessor.

O saltério é a oração vicária de Cristo por sua Igreja. Agora que Cristo está junto do Pai, a nova humanidade de Cristo, o Corpo de Cristo na terra segue orando sua oração até a consumação dos tempos. Essa oração não pertence a um membro individual. Pertence a todo o Corpo de Cristo. Só nele como um todo vive tudo aquilo de que falam os salmos e o que o indivíduo jamais compreenderá totalmente e nem poderá considerá-lo seu. Por isso a oração de salmos tem seu lugar de modo especial na comunhão. Se um versículo ou um salmo todo não pode ser minha oração, ele o será de outra pes-



soa dentro da comunhão, e é, com toda certeza, a oração do verdadeiro homem Jesus Cristo e de seu Corpo na terra.

No saltério aprendemos a orar baseados na oração de Cristo. Ele é a grande escola de oração por excelência.

*Em primeiro lugar*, nele aprendemos o que é orar: orar baseados na Palavra de Deus, baseados em promissões. A oração cristã está firmemente alicerçada na Palavra revelada, e nada tem a ver com desejos egoístas. Oramos com base na oração do verdadeiro homem Jesus Cristo. É isso que a Sagrada Escritura expressa quando diz que o Espírito Santo ora em nós e por nós, que Cristo ora por nós, que só em nome de Jesus Cristo podemos verdadeiramente orar a Deus.

*Em segundo lugar*, o saltério nos ensina o que orar. Tão certo como o alcance da oração de salmos excede em muito a medida da experiência da pessoa, tão certo a pessoa ora, na fé, toda a oração de Cristo, a oração daquele que era verdadeiramente homem e que é o único que tem a medida integral das experiências dessas orações. Podemos, pois, orar os salmos de vingança? Uma vez que somos pecadores e associamos pensamentos maus às orações por vingança, não podemos orar estes salmos. Mas, uma vez que Cristo está em nós, que toma sobre si toda a vingança de Deus, que foi atingido pela vingança de Deus em nosso lugar, que desta forma – vítima da vingança de Deus – e de nenhuma outra maneira pôde perdoar os inimigos, que experimentou em si mesmo a vingança, para que seus inimigos saíssem livres – também nós podemos orar esses salmos como membros desse Jesus Cristo – por meio de Jesus Cristo, a partir do coração de Jesus Cristo.

Nós podemos nos declarar inocentes, piedosos e justos, a exemplo dos autores dos salmos? A partir do que nós mesmos somos, não podemos fazê-lo. Não podemos fazê-lo como oração do nosso coração perverso, mas podemos e devemos fazê-lo a partir do coração de Jesus Cristo, sem pecado e puro, e a partir da inocência de Cristo da

qual nos deu parte na fé. À medida que “o sangue e a justiça de Deus” se tornaram nosso “adorno e vestimenta de honra”, podemos e devemos orar os salmos de inocência como sendo a oração de Cristo por nós e como presente para nós. Também esses salmos nos pertencem por meio dele.

E como devemos orar aqueles lamentos de miséria e sofrimento indizíveis, nós que recém iniciamos a ter uma vaga idéia do que se trata aqui? Iremos e devemos orar os salmos de lamento não para nos enfronharmos com algo que o coração desconhece por experiência própria, nem para nos lamentarmos, mas porque todo esse sofrimento existiu e se tornou real em Jesus Cristo, porque o homem Jesus Cristo sofreu doença, dor, desonra e morte e porque em seu sofrimento e morte toda a carne sofreu e morreu. O que nos dá direito a esses salmos é o que aconteceu na cruz de Cristo – a morte da nossa velha humanidade – e o que na verdade acontece e deve acontecer em nós desde o Batismo – a mortificação da carne. Pela cruz de Cristo, esses salmos tornaram-se propriedade de seu Corpo na terra como orações do seu coração. Não podemos aqui estender demais esse assunto. Interessava-nos apenas dar uma idéia da envergadura do saltério como a oração de Cristo. A compreensão disso ocorre lentamente.

*Em terceiro lugar*, o saltério ensina-nos a orar em comunhão. É o Corpo de Cristo que ora e, como pessoa individual, reconheço que minha oração é apenas uma parcela ínfima da oração da comunidade toda. Aprendo a orar junto a oração do Corpo de Cristo. E isso faz com que eu passe por cima das preocupações pessoais e me ensina a orar sem egoísmo. Provavelmente, muitos salmos eram orados de forma alternada pela comunidade do Antigo Testamento. O assim chamado *parallelismus membrorum*, ou seja, aquela estranha repetição da mesma afirmação com outras palavras na segunda linha do versículo, certamente não constitui apenas uma forma literária, mas possui também sentido eclesástico-teológico. Valeria a pena analisar essa questão em profundidade. Um exemplo muito

claro é o Salmo 5. São sempre duas vozes que repetem com palavras diferentes a mesma prece perante Deus. Isso não poderia indicar que a pessoa que ora jamais ora sozinha, mas que algum outro deve orar com ela, um membro da Igreja, do Corpo de Cristo, o próprio Cristo, para que a oração dela seja verdadeira? Não haveria nessas repetições do mesmo pensamento – que no Salmo 119 parecem intermináveis, de uma simplicidade quase inacessível, inexplicável – uma indicação de que cada palavra da oração quer penetrar numa tal profundidade do coração que só pode ser alcançada – e nem mesmo assim! – por meio de intermináveis repetições? Que na oração não se trata de derramar de uma só vez todas as alegrias e as tristezas do coração, mas que se faz necessário um aprendizado, uma apropriação, uma memorização permanente da vontade de Deus em Jesus Cristo?

Em sua interpretação dos salmos, Öttinger fez valer uma verdade profunda ao enquadrar todos os salmos nas sete preces do Pai-nosso. Com isso quis mostrar que o grande Livro dos Salmos trata nada mais e nada diferente do que das suscintas preces do Pai-nosso. Em todas as nossas preces resta sempre só a oração do Senhor que tem a promessa e nos preserva do palavreado pagão. Quanto mais profundamente penetrarmos novamente nos salmos, e quanto maior a freqüência com que os oramos, tanto mais simples e rica se tornará nossa oração.

Após a oração de um salmo, a comunidade intercalará o hino, para então fazer a *leitura da Sagrada Escritura*. “Aplica-te à leitura” (1 Timóteo 4.13). Também aqui teremos que superar primeiro uma série de preconceitos prejudiciais, antes de chegarmos à maneira correta de leitura da Bíblia em conjunto. Quase todos nós crescemos com a idéia de que na leitura da Bíblia se trata só de ouvir a Palavra de Deus para esse dia. Por isso, para muitas pessoas a leitura da Bíblia se restringe a alguns versículos curtos, selecionados, destinados a ser o lema do dia. Não resta dúvida de que, por exemplo, as *Senhas Diárias dos Irmãos Hernutos* trazem ricas bênçãos

àqueles que as usam. Precisamente em épocas de conflitos da Igreja é que muitos fizeram essa descoberta para sua grande e grata surpresa. Por outro lado, tampouco pode haver dúvida de que as senhas curtas não podem nem devem, em princípio, substituir a leitura da Bíblia. A senha para o dia ainda não é a Escritura Sagrada que permanecerá por todos os tempos, até o dia derradeiro. A Escritura Sagrada é mais do que uma senha. Também é mais do que “o pão diário”. Ela é a Palavra de Deus revelada para todas as pessoas, para todos os tempos. Ela não consiste de sentenças isoladas, mas forma um todo e, como tal, quer se impor.

Como um todo, a Escritura é a Palavra revelada de Deus. O pleno testemunho a respeito de Jesus Cristo, o Senhor, se perceberá somente na infinitude de seus relacionamentos internos, na relação entre Antigo e Novo Testamento, promessa e cumprimento, sacrifício e lei, lei e evangelho, cruz e ressurreição, fé e obediência, ter e esperar. Por isso a devoção conjunta deve conter, além da oração de um salmo, uma leitura mais extensa de trechos do Antigo e Novo Testamentos.

Uma comunidade cristã deve estar em condições de ouvir e ler, pela manhã e à noite, cada vez um capítulo do Antigo e, no mínimo, meio capítulo do Novo Testamento. Já na primeira tentativa, porém, se provará que essa pequena medida já constitui a porção máxima para a maioria, e provocará protesto. Argumentar-se-á ser impossível assimilar e guardar de fato tal quantidade de pensamentos e relações, e que chega a ser um desrespeito com a Palavra divina ler mais do que se pode realmente assimilar. A partir desse argumento, facilmente, as pessoas voltarão a se satisfazer com a leitura de um versículo apenas. Na verdade, porém, esconde-se aqui uma grande culpa. Se de fato uma pessoa cristã adulta tem dificuldade de assimilar um capítulo do Antigo Testamento em seu contexto, isso só é motivo de nos envergonharmos profundamente. Que atestado de pobreza emitimos sobre nosso conhecimento bíblico e prática de leitura bíblica até agora! Se conhecêssemos o conteúdo do que estamos lendo, conseguiríamos

acompanhar a leitura de um capítulo sem dificuldade, ainda mais quando temos a Bíblia à mão e podemos acompanhar a leitura. No entanto, precisamos admitir que ainda desconhecemos amplamente a Escritura Sagrada. Poderia haver outra consequência desse pecado da própria ignorância da Palavra de Deus do que recuperar, com seriedade e fidelidade, essa omissão, e não deveriam os teólogos ser os primeiros a se dedicarem a essa tarefa?

Não se deve argumentar que a devoção conjunta não tem a finalidade de transmitir conhecimentos bíblicos, que isso é por demais profano, e que deve ser feito em outro lugar, fora da devoção. Semelhante argumentação demonstra um conceito totalmente errado de devoção. A Palavra de Deus deve ser ouvida por cada um, a seu modo, e na medida em que pode compreendê-la. Na devoção, a criança ouve a história bíblica pela primeira vez e a aprende; o cristão aprende-a cada vez melhor, e jamais cessará de aprender ao ler e escutar.

No entanto, não somente o neófito se queixará que, muitas vezes, a leitura da Bíblia lhe parece longa demais e que muitas coisas fogem à sua compreensão, mas também a pessoa cristã adulta. Sobre isso há de se dizer que, exatamente, para a pessoa cristã madura toda e qualquer leitura bíblica é “demasiado longa”, inclusive a mais curta. O que quer dizer isso? A Escritura forma um todo; cada palavra, cada frase está inserida em tamanha multiplicidade de relações com o todo que se torna impossível ter em mente esse todo sempre que se olhar um pormenor. Evidencia-se, pois, que o todo da Escritura e, por conseguinte, cada uma de suas palavras excedem em muito nossa compreensão. E é salutar que sejamos lembrados desse fato todos os dias, fato esse que mais uma vez aponta para o próprio Jesus Cristo que é a chave “para que eles cheguem à riqueza da plenitude do entendimento e à compreensão do mistério de Deus” (Colossenses 2,3). Talvez por isso se possa dizer que toda leitura da Bíblia terá que ser sempre um pouco “longa demais”, para não se transformar em provérbios e filosofias de vida, mas permaneça a Palavra da revelação de Deus em Jesus Cristo.

Pelo fato de as Escrituras constituírem um corpo, um todo vivo, a assim chamada *lectio continua* será o método mais adequado para a leitura bíblica na comunidade. Livros históricos, profetas, evangelhos, epístolas e o apocalipse são lidos e ouvidos como Palavra de Deus em seu contexto. Eles transportam a comunidade ouvinte para dentro do maravilhoso mundo do povo de Israel com seus profetas, juízes, reis e sacerdotes, suas guerras, festas, sacrifícios e sofrimentos. A comunidade de fé é envolvida na história de Natal, no Batismo, nos milagres e nos discursos, na paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Ela participa dos acontecimentos que tiveram lugar na terra para salvação de todo mundo, e ela própria recebe em tudo isso a redenção em Jesus Cristo.

A leitura contínua de livros bíblicos obriga toda pessoa que quer ouvir a deslocar-se para o local onde Deus agiu, de uma vez por todas, para a salvação da humanidade, e a deixar-se encontrar nesse lugar. Mais do que em outra parte, é na leitura bíblica durante o culto que os livros históricos nos são apresentados de forma bem nova. Tornamo-nos parte do que ocorreu para nossa salvação naquela vez: esquecendo e perdendo a nós mesmos, atravessamos o Mar Vermelho, peregrinamos pelo deserto, passamos pelo Jordão e entramos na Terra Prometida; juntamente com Israel somos assaltados por dúvidas e caímos em descrença e, por meio de castigo e arrependimento, tornamos a experimentar a ajuda e a fidelidade de Deus; e tudo isso não é mero sonho, mas realidade santa, divina. Somos arrancados da nossa própria existência e transportados para dentro da sagrada história de Deus na terra. Foi lá que Deus agiu em nós, e é lá que ainda hoje age em nós – em nossa miséria e pecaminosidade por meio de ira e graça. O que importa não é que Deus seja espectador e participante de nossas vidas hoje, importa que nós sejamos ouvintes devotos e participantes da ação de Deus na história sagrada, na história de Cristo na terra. E Deus está conosco também hoje apenas à medida que nós participamos nesta história.

Aqui acontece uma inversão total. Não é assim que a ajuda e a presença de Deus ainda tenham que se revelar em nossas vidas, pois na vida de Jesus Cristo já se revelaram a presença e a ajuda de Deus. De fato, é mais importante saber o que Deus fez em Israel, em seu Filho Jesus Cristo do que tentar descobrir o que Deus intenciona comigo hoje. É mais importante que Cristo morreu do que o fato de também eu ter que morrer um dia, e a ressurreição de Cristo dentre os mortos é a única razão de minha esperança de também eu ressuscitar no dia derradeiro. Nossa salvação encontra-se “fora de nós mesmos” (*extra nos*), não em minha biografia, mas tão-somente na história de Jesus Cristo. Está em Deus e Deus nela, somente a pessoa que se deixa encontrar em Jesus Cristo, em sua encarnação, cruz e ressurreição.

A partir disso, toda leitura da Bíblia no culto se tornará mais significativa e salutar para nós a cada dia. O que nós denominamos de nossa vida, nossas aflições e nossa culpa, tudo isso ainda está longe da realidade. É na Escritura que estão nossa vida, nossas aflições, nossa culpa e nossa redenção. Porque era da vontade de Deus agir ali, é que encontramos ajuda somente nela. Aprendemos a conhecer nossa própria história somente a partir da Escritura. O Deus de Abraão, Isaque e Jacó é o Deus e Pai de Jesus Cristo e nosso Deus.

Precisamos tornar a conhecer a Sagrada Escritura como os reformadores, como nossos pais a conheciam. Não devemos poupar nem tempo nem trabalho para alcançar esse objetivo. Antes de mais nada, temos que conhecer a Escritura por causa de nossa salvação. Além disso, porém, existem suficientes motivos fortes que tornam esta exigência urgente. Como, por exemplo, poderemos chegar a ter certeza e confiança em nossa atuação pessoal e eclesial, se não estivermos alicerçados na base firme da Bíblia? Não é o nosso coração que decide o caminho a tomar, mas a Palavra de Deus. No entanto, quem em nossos dias ainda tem opinião abalizada sobre a necessidade da prova bíblica? Quantas vezes ouvimos numerosos

argumentos extraídos “da vida”, “da experiência” para fundamentar decisões importantes! Nada, porém, se fala da fundamentação a partir da Escritura. Não poderia essa indicar em direção exatamente oposta? Não admira, todavia, que serão precisamente aqueles que não lêem a Bíblia com seriedade, não a conhecem nem a estudam, os primeiros a porem em dúvida a prova da Escritura. Não é cristão evangélico quem não quer aprender a usar a Escritura de forma autônoma.

Mais uma questão: Como poderíamos socorrer um irmão cristão em dificuldade e tribulação, senão com a própria Palavra de Deus? Todas as nossas palavras são limitadas. Aquele, porém, que “semelhante a um pai de família que do seu tesouro tira coisas novas e velhas” (Mateus 13.52), que pode recorrer à plenitude da Palavra de Deus, à riqueza das orientações, advertências e consolos da Escritura, esse poderá expulsar demônios e ajudar o irmão por meio da Palavra de Deus. Fiquemos por aqui. “Desde a tua infância conheces as sagradas Letras, elas têm o poder de comunicar-te a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Cristo Jesus” (2 Timóteo 3.15).

Como devemos ler a Bíblia? Na comunidade será melhor que a leitura contínua seja assumida alternadamente pelos membros da comunidade. Descobrir-se-á que não é fácil ler a Bíblia para outras pessoas. Quanto mais natural, mais objetiva, mais humilde a atitude interior diante do conteúdo, tanto mais a leitura corresponderá ao assunto em questão. Muitas vezes, na leitura da Bíblia, fica visível a diferença entre um cristão experimentado e um neófito. Pode-se tomar como regra para uma leitura correta que o leitor nunca se identifique com o sujeito que fala na Bíblia. Não sou eu que estou tomado de ira, e sim Deus; não sou eu que consolo, mas Deus; não sou eu que admoesto, mas Deus. É claro que é Deus quem está irado, consola e admoesta, e eu não recitarei isso em indiferente monotonia, mas com participação interior como alguém que sabe que a Palavra também é dirigida a ele mesmo. Não me confundir com Deus, mas servi-lo humildemente, faz toda a diferença entre leitura

correta e errada da Bíblia. Caso contrário, tornar-me-ei retórico, patético, emotivo e impulsivo e atrairei a atenção dos ouvintes para mim mesmo ao invés de para a Bíblia. Nisso consiste o pecado da leitura da Bíblia. Tentarei explicar a situação com um exemplo profano: Imaginemos que eu tenha que ler para alguém uma carta que ele recebeu de um amigo. É claro que não a lerei como se eu próprio a tivesse escrito. A distância há de se refletir na leitura. Mas também não poderei ler a carta do amigo como se não me dissesse respeito. Expressarei participação e relacionamento pessoal. A leitura correta da Escritura não é um exercício técnico que se possa aprender; é algo que cresce e diminui de acordo com meu estado de espírito. Muitas vezes, a leitura pesada, difícil de pessoas cristãs experientes supera em muito a leitura de um pastor, por mais perfeita que seja. Em uma comunidade cristã também nesse aspecto um ajudará e aconselhará o outro.

O uso da leitura contínua não exclui o uso das senhas. A senha pode figurar no início da devoção ou em outra parte como lema da semana ou do dia.

À oração do salmo e à leitura da Bíblia associa-se o *canto conjunto*, e nele ouve-se a voz da Igreja que louva, agradece e ora.

“Cantai ao Senhor um cântico novo” repete o livro dos salmos. É o canto de Cristo renovado todas as manhãs, que a comunidade entoia na primeira hora do dia, o cântico novo entoado por toda a Igreja de Deus na terra e no céu, e a que estamos chamados a unir nossas vozes. Deus preparou para si um único grande cântico de louvor na eternidade, e quem se junta à comunidade de Deus unirá sua voz a esse canto. Na manhã da criação as estrelas cantavam em coro, e os servidores celestiais soltavam gritos de alegria (Jó 38.7), antes da criação do mundo. É o canto de vitória dos filhos de Israel após a passagem pelo Mar Vermelho, o *Magnificat* de Maria após a Anunciação, o hino de louvor de Paulo e Silas na noite em que foram presos, a canção dos cantores do mar de vidro depois de sua

salvação, o “cântico de Moisés e do Cordeiro” (Apocalipse 15.3), é o cântico novo da comunidade celestial. Todas as manhãs a Igreja na terra entoia esse canto, e encerra o dia com o mesmo hino. É o triúno Deus e sua obra que estão sendo exaltados.

Esse canto soa de maneira diferente na terra do que no céu. Na terra, é o cântico dos que crêem; no céu, é o cântico dos que vêem; na terra é um cântico em pobres palavras humanas; no céu, “são palavras que não podem ser explicadas por meio de palavras humanas” (2 Coríntios 12.4), o cântico que ninguém pode aprender, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram salvos da terra (Apocalipse 14.3), o hino acompanhado “das harpas de Deus” (Apocalipse 15.2). O que nós sabemos daquele novo hino e das harpas de Deus? Nosso cântico novo é terreno, um canto de peregrinos e caminhantes aos quais resplandeceu a Palavra de Deus e que agora lhes ilumina o caminho. Nosso canto terreno depende da Palavra de Deus revelada em Jesus Cristo. É o canto singelo dos filhos dessa terra, chamados para serem filhos de Deus; não é extático nem arrebatador, mas sóbrio, grato, reverente, orientado para a Palavra revelada de Deus.

“Falai uns aos outros com salmos e hinos e cânticos espirituais” (Efésios 5.19). É no coração que se começa a cantar o cântico novo. Não há outra maneira de entoá-lo. O coração canta porque transborda de Cristo. Por isso todo cantar na Igreja é assunto espiritual. Condição para o canto conjunto é dedicação à Palavra, integração na comunidade, muita humildade e disciplina. Onde o coração não canta junto, ouvir-se-á tão-somente o horroroso caos da arrogância humana. Onde não se canta ao Senhor, canta-se à sua própria honra ou à honra da música. E o cântico novo torna-se cântico idólatra.

“Falai uns aos outros com salmos e hinos e cânticos espirituais” (Efésios 5.19). Nosso canto na terra é fala. É palavra cantada. Por que os cristãos cantam quando se reúnem? Em primeiro lugar, pelo simples motivo de terem no canto conjunto a possibilidade de dizer

mais cantarmos, tanto mais alegria nos proporcionará. Sobretudo, quanto mais concentrados, disciplinados e alegres cantarmos, mais rica será a bênção que emana do canto em comum sobre toda a vida da comunidade.

No canto conjunto ouve-se a voz da Igreja. Não sou eu que canto, mas a Igreja; mas como membro da Igreja posso participar em seu canto. Todo canto verdadeiro na comunhão deve servir ao alargamento do horizonte espiritual, para reconhecermos que nossa pequena comunhão é membro da grande comunhão da cristandade em toda a terra, para que de boa vontade e com alegria nos integremos ao canto da Igreja, seja com nosso canto fraco, seja com o nosso canto forte.

A Palavra de Deus, a voz da Igreja e nossa oração são inseparáveis. Por isso, agora teremos que falar sobre a *oração em conjunto*. “Se dois de vós estiverem de acordo na terra sobre qualquer coisa que queiram pedir, isso lhes será concedido por meu Pai que está nos céus” (Mateus 18.19). Nenhuma parte da oração causa-nos tantos problemas e conflitos sérios como a oração conjunta, pois nela nós é que devemos falar. Ouvimos a Palavra de Deus, pudemos entoar o canto da Igreja; agora, porém, chegou o momento de orarmos a Deus como comunhão, e tal oração deve ser realmente nossa palavra, nossa oração para esse dia, para nosso trabalho, para nossa comunhão, para as necessidades e pecados específicos que pesam sobre todos nós, para as pessoas que nos são confiadas. Ou, por acaso, nada temos a rogar para nós? Seria proibido o desejo de orar em comunhão em viva voz e com palavras próprias? Quaisquer que sejam as objeções, não há como ser de outro modo: cristãos que querem viver em comunhão sob a Palavra de Deus, também deverão e poderão orar juntos a Deus com palavras próprias. Levarão perante Deus preces, agradecimentos, intercessões comuns, e devem fazê-lo alegres e confiantes. O receio mútuo, a timidez de orar livremente com palavras próprias na presença dos demais pode ser posto de lado quando, com toda simplicidade e sobriedade, um dos

irmãos ergue a Deus a oração fraternal comum. De igual modo, porém, pode e deve silenciar toda e qualquer observação ou crítica quando pessoas oram em nome de Jesus Cristo com palavras titubeantes. Na verdade, orar em comum é a situação normal da vida cristã, e por boas e úteis que sejam as inibições, para manter a oração pura e bíblica, elas não devem chegar ao ponto de reprimir a própria oração livre e necessária, pois ela recebeu uma grande promessa da parte de Jesus Cristo.

A oração livre no final da devoção será pronunciada pelo chefe da família; em todo caso é melhor que ela seja feita sempre pela mesma pessoa. Essa tarefa lhe impõe uma responsabilidade inesperada. Mas para proteger a oração contra observações e subjetividade falsas, aconselha-se que, por um maior espaço de tempo, uma mesma pessoa ore por todos.

A primeira premissa para possibilitar a oração de uma pessoa pela comunidade inteira é a intercessão dos demais em favor dela e de sua oração. Como poderia uma pessoa orar a oração comum sem ter ela própria o apoio e o arrimo da oração da comunidade? Precisamente nesse ponto é que toda palavra de crítica deve transformar-se em intercessão ainda mais fiel e em ajuda fraterna, pois, do contrário, será muito fácil uma comunhão desintegrar-se logo nesse ponto!

A oração livre dentro da devoção conjunta deve ser a oração da comunidade e não a da pessoa que ora. Ela foi incumbida de orar pela comunidade. Assim, para poder fazê-lo, é preciso compartilhar a vida cotidiana dessa comunidade, deve conhecer suas preocupações e dificuldades, alegria e gratidão, preces e esperança. Não deve ignorar seu trabalho e tudo o que se relaciona com ele. Ela ora como irmão entre irmãos. Se não quiser incorrer no erro de confundir seu próprio coração com o coração da comunidade, se de fato quer deixar-se determinar tão-somente pela incumbência de orar pela comunidade, então lhe é exigido exame e vigilância. Por essa razão,

será aconselhável que a pessoa encarregada da oração receba conselho e ajuda de outros, indicações e pedidos a serem feitos em sua oração por essa ou aquela dificuldade, esse ou aquele trabalho, ou também por determinada pessoa. Dessa maneira, a oração se tornará cada vez mais a oração de todos.

Também a oração livre está determinada por certa estrutura interna. Não se trata da erupção caótica de um coração humano, mas da oração de uma comunidade estruturada. Portanto, certos temas de oração repetir-se-ão todos os dias, ainda que sob formas diferentes. A repetição diária da mesma prece de que fomos incumbidos na oração pode parecer-nos monótona no começo. Com o passar do tempo, porém, ela se revelará, com certeza, como libertação da forma demasiadamente individual de orar. É possível acrescentar às preces repetidas todos os dias mais outras, experimentando assim um plano semanal, a exemplo dos que já existem. Se essa prática não for viável na oração comum, decerto significará uma ajuda para a oração individual. Outra maneira útil de libertar a oração comum da arbitrariedade e subjetividade é relacioná-la com uma das leituras bíblicas do dia. Aqui a oração encontra apoio e base firmes.

Repetidas vezes, acontecerá que a pessoa encarregada da oração em nome da comunidade não se sinta em condições interiores de fazê-lo, e que, neste dia, preferira delegar sua tarefa a outra pessoa. Isso, porém, não é aconselhável. Desse modo a oração da comunidade correrá o perigo de ser determinada por emoções que nada têm a ver com a vida espiritual. Justamente quando alguém quer fugir do encargo recebido por sentir-se vazio, cansado, ou por causa de uma culpa pessoal que lhe pesa na alma, ele deve aprender o que significa ter um cargo na comunidade; e os irmãos deverão carregá-lo em sua fraqueza, em sua incapacidade de orar. Talvez seja essa a oportunidade de compreender a palavra de Paulo: "Assim também o Espírito socorre a nossa fraqueza. Pois não sabemos o que pedir como convém; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis" (Romanos 8.26). Tudo depende da comunidade en-

tender a oração do irmão como sendo sua própria e que como tal a apoie e a ela se una.

Em certas circunstâncias, o uso da oração formulada pode ser uma grande ajuda também para a pequena comunhão familiar. Muitas vezes, porém, outra coisa não será do que esquivar-se da verdadeira oração. Recorrendo à formulações eclesiais e ricos pensamentos, com facilidade deixaremos de lado a oração própria, iludindo a nós mesmos. As orações serão belas e profundas, mas não autênticas. Por mais útil que o acervo de orações que se acumulou durante a história da Igreja seja para aprender a orar, ele jamais poderá substituir a oração que devo hoje a meu Deus. Uma oração mal formulada pode ser melhor do que a oração elaborada de forma perfeita. Não é preciso explicar que a situação no culto público é outra do que na devoção diária no círculo da comunhão familiar.

Na comunhão de vida cristã surgirá, muitas vezes, o desejo de uma comunhão de oração especial, além da oração na devoção diária. Dificilmente se pode estabelecer outra regra do que esta: tal hora de oração somente deve ser realizada quando se tem certeza do desejo comum e da participação de todos na hora determinada. Toda iniciativa individual encerra o perigo de plantar o germe da desagregação da comunidade. Precisamente nesse campo é que se deve comprovar que os fortes sustentam os fracos, e que os fracos não julgam os fortes. O Novo Testamento ensina que um grupo de oração livre é a coisa mais natural e deve ser encarado sem desconfiança. Onde, porém, surgir desconfiança e receio, temos que suportar uns aos outros com paciência. Que nada seja feito com violência; que tudo aconteça em liberdade e amor.

Fizemos um passeio pela devoção matinal de uma comunhão de vida cristã. O dia começa com a Palavra de Deus, o hino da Igreja e a oração da comunidade. Somente depois que se alimentou do pão da vida e com ele se fortaleceu, a comunidade se reúne para receber de Deus o pão terreno para a vida física. Com gratidão e pedindo a

bênção de Deus, a comunidade cristã recebe o pão de cada dia das mãos do Senhor. Desde que Jesus Cristo sentou à mesa na companhia de seus discípulos, a comunhão de mesa de sua comunidade é abençoada com sua presença. “E uma vez à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, depois partiu-o e distribuiu-o a eles. Então seus olhos se abriram e o reconheceram” (Lucas 24.30ss). A Bíblia fala de três tipos de comunhão de mesa de Jesus com os seus: da comunhão de mesa diária, da comunhão de mesa da Santa Ceia, da última comunhão de mesa no Reino de Deus. Em todas as três, porém, uma coisa é que importa: “Então seus olhos se abriram e eles o reconheceram”. Que significa reconhecer Jesus Cristo nas dádivas?

Significa, *em primeiro lugar*, reconhecê-lo como doador de todas as dádivas, como Senhor e Criador desse nosso mundo juntamente com o Pai e o Espírito Santo. Na comunhão de mesa ora-se “E abençoa o que nos deste”, e assim confessa-se a eterna divindade de Jesus Cristo.

*Em segundo lugar*, a comunidade reconhece que todas as dádivas terrenas lhe são dadas apenas por amor de Cristo, assim como todo o mundo só é preservado por causa de Jesus Cristo, por causa de sua Palavra e pregação. Ele é o verdadeiro pão da vida. Não é apenas o doador, mas a própria dádiva, por amor da qual existem todas as dádivas terrenas. Deus ainda nos conserva, com paciência, com suas boas dádivas somente porque a Palavra de Cristo ainda precisa ser proclamada e encontrar fé, e nossa fé ainda não alcançou a perfeição. Por esse motivo orava-se na comunidade cristã com as palavras de Lutero: “Senhor Deus, Pai celestial, abençoa a nós e a essas dádivas que recebemos de tua terna bondade por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém”. Assim confessa a Jesus Cristo como divino Mediador e Salvador.

*Em terceiro lugar*, a comunidade de Jesus crê que ele quer se fazer presente quando ela lhe pede isso. Por isso ora: “Vem, Senhor Jesus, sê nosso convidado” – e assim confessa a graciosa onipresença

de Jesus Cristo. Toda comunhão de mesa enche os cristãos de gratidão para com o Senhor e Deus Jesus Cristo. Com isso não se busca uma espiritualização patológica das dádivas materiais. Pelo contrário, é justamente na alegria plena por causa das boas dádivas dessa vida corporal que os cristãos reconhecem seu Senhor como o verdadeiro doador de toda boa dádiva e, além disso, como a dádiva verdadeira, o verdadeiro pão da vida, e, por fim, como aquele que os chama para a ceia da alegria no Reino de Deus. Desse modo, a comunhão de mesa diária une os cristãos de modo especial entre si e com o Senhor. Reunidos à mesa, reconhecem o Senhor como aquele que lhes parte o pão; os olhos da fé deles foram abertos.

A comunhão de mesa é um momento festivo. Em meio ao trabalho diário, ela é a lembrança constantemente renovada do descanso de Deus depois do trabalho, do sábado como sentido e alvo da semana e de suas fadigas. A nossa vida não é somente cansaço e trabalho. Ela também é refrigério e alegria pela bondade de Deus. Nós trabalhamos, mas quem nos sustém e alimenta é Deus. E isso é motivo de celebração. A pessoa não deve comer o pão em espírito de ansiedade (Salmo 127.2), mas “com alegria” (Eclesiastes 9.7). Em Eclesiastes 8.15 diz: “E eu exalto a alegria, pois não existe felicidade para o homem debaixo do sol, a não ser o comer, o beber e o alegrar-se”, no entanto, “quem pode comer e beber sem que isso venha de Deus?” (Eclesiastes 2.25). A respeito dos setenta anciãos de Israel, que acompanharam Moisés e Arão ao Monte Sinai, lê-se: “Ele não estendeu a mão sobre os notáveis dos filhos de Israel. Eles contemplaram a Deus e depois comeram e beberam” (Êxodo 24.11). Deus não gosta do espírito prosaico com que fazemos nossas refeições, comendo o pão com suspiro, com presumida pressa ou até com vergonha. Pela refeição diária Deus nos chama à alegria, à festa em meio ao dia de trabalho.

A comunhão de mesa dos cristãos significa compromisso. O pão que comemos é o nosso pão de cada dia, e não o meu próprio. Nós repartimos nosso pão. Desse modo, não estamos unidos apenas no



Espírito, mas inclusive com todo o nosso ser físico. Esse pão dado à nossa comunidade, prende-nos uns aos outros com forte laço. Já agora ninguém poderá passar fome enquanto o outro tiver pão, e quem destrói essa comunhão corporal também arruina a comunhão de Espírito. As duas coisas estão indissolúvelmente ligadas entre si. O jejum que agrada a Deus é que se reparta a comida com os famintos (Isaías 58.7) e que não se despreze o que passa fome (Siraque 4.2), pois é no faminto que o Senhor nos encontra (Mateus 25.37). “Se um irmão ou uma irmã não tiverem o que vestir e lhes faltar o necessário para a subsistência de cada dia, e alguém dentre vós lhes disser: ‘Ide em paz, aquecei-vos e saciai-vos’, e não lhes der o necessário para a sua manutenção, que proveito haverá nisso?” (Tiago 2.15ss). Enquanto comermos o pão em conjunto, estaremos satisfeitos também com o pouco que seja. A fome começa quando alguém quer reter o pão para si mesmo. Essa é uma singular lei de Deus. Não teria a história da maravilhosa alimentação de cinco mil pessoas com dois peixes e cinco pães também, entre outros, esse significado?

A comunhão de mesa ensina os cristãos que aqui ainda estão comendo o pão passageiro da peregrinação terrena. Porém, se repartirem entre si esse pão, receberão, a seu tempo, também o pão imperecível na casa do Pai. “Feliz aquele que tomar refeição no Reino de Deus” (Lucas 14.15).

Depois da primeira hora do dia até o entardecer, o dia do cristão é dedicado ao trabalho. “Sai o homem para sua faina, e para o seu trabalho até a tarde” (Salmo 104.23). Na maioria dos casos, a comunidade cristã se dispersará pelo tempo que dura o trabalho. Orar e trabalhar são coisas distintas. O trabalho não deve prejudicar a oração, nem a oração o trabalho. Assim como, de acordo com a vontade de Deus, a pessoa deve trabalhar seis dias e descansar e celebrar perante a face de Deus no sétimo, assim também, de acordo com a vontade de Deus, cada dia do cristão é caracterizado por estes dois fatores: oração e trabalho. A oração também requer seu tempo.

A maior parte do dia, porém, é dedicada ao trabalho. Só onde cada um tem o seu lugar próprio e indiscutível revelar-se-á a unidade inseparável de ambos. Sem o fardo e o trabalho do dia, a oração não é oração, e sem a oração, o trabalho não é trabalho. Isso só o cristão sabe. Assim, é na distinção clara entre ambos que se evidencia sua unidade.

O trabalho coloca a pessoa no mundo das coisas. Ele exige a obra dela. O cristão sai do mundo do encontro fraternal, e entra no mundo das coisas impessoais, e esse novo encontro o liberta para a objetividade, pois o mundo das coisas impessoais não passa de instrumento nas mãos de Deus para purificar o cristão do autocentrismo e do egoísmo. A obra no mundo somente pode ser realizada onde a pessoa se esquece de si mesma, quando se entrega à causa, à realidade, à tarefa, às coisas. No trabalho o cristão aprende a deixar-se limitar pela causa, e assim o trabalho transforma-se para ele em remédio contra a indolência e o comodismo da carne. As exigências da carne morrem no mundo das coisas. Isso, porém, acontece somente quando o cristão rompe a barreira da impessoalidade e encontra a relação pessoal com Deus, que lhe recomenda o trabalho e a tarefa, fazendo com que lhe sirvam para libertação de si mesmo.

Nem por isso o trabalho deixa de ser trabalho. Pelo contrário, aquele que sabe para que lhe serve o trabalho, procurará tanto mais sua dureza e seu rigor. A luta permanente com o mundo impessoal continua. Ao mesmo tempo, porém, aconteceu a ruptura, encontrou-se a unidade de trabalho e oração, a unidade do dia. Encontrar a pessoa de Deus na impessoalidade do trabalho é o que Paulo denomina “orar sem cessar” (1 Tessalonicenses 5.17). Assim a oração da pessoa crente prolonga-se para além do tempo que lhe é reservado, para dentro do trabalho. Abrange o dia todo, não prejudica o trabalho, antes fomenta-o, aceita-o, empresta-lhe seriedade e alegria. Dessa maneira, qualquer palavra, tarefa ou trabalho do cristão se transforma em oração; não no sentido irreal de estar sempre com os pensamentos longe da tarefa a ser cumprida, mas no sentido real de

se romper através do duro mundo das coisas para encontrar o gracioso Deus pessoal. “E tudo o que fizerdes de palavra ou ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, por ele dando graças a Deus, o Pai” (Colossenses 3.17).

A unidade do dia conquistada confere ordem e disciplina ao dia todo. Ela deve ser procurada e encontrada na oração matinal, e deve se comprovar no trabalho. A oração no início do dia decide sobre todo o dia. Tempo desperdiçado, do qual temos vergonha, tentações às quais sucumbimos, fraqueza e desânimo no trabalho, desordem e indisciplina nos pensamentos e no trato com as pessoas têm, com frequência, sua origem na negligência da oração matutina. A disciplina e a organização serão mais firmes se tiverem suas raízes na oração. As tentações implícitas no dia de trabalho serão superadas quando rompemos através do mundo das coisas até Deus. Decisões que precisam ser tomadas no trabalho tornam-se mais fáceis e simples quando decididas perante a face de Deus, ao invés de em temor de seres humanos. “Em tudo o que fizerdes ponde a vossa alma, como para o Senhor e não para homens” (Colossenses 3.23). Inclusive o trabalho mecânico será feito com maior paciência se proceder do conhecimento de Deus e de sua origem. As forças para o trabalho aumentam quando pedimos a Deus que nos dê hoje a força necessária para o trabalho.

Para a comunidade cristã, a hora do meio-dia será, onde possível, um breve descanso na jornada do dia. A metade do dia passou. A comunidade agradece a Deus e ora por preservação até a noite. Recebe o pão de cada dia e ora com versos da Reforma: “Alimentanos, ó Pai, teus filhos, consola os pecadores aflitos”. Deus precisa nos alimentar. Não podemos nem devemos tomar para nós o alimento, pois nós, pobres pecadores, não o merecemos. Desse modo, a refeição que Deus nos oferece se torna um consolo dos aflitos, pois é a demonstração da graça e fidelidade com a qual Deus mantém seus filhos e os guia. É verdade que a Escritura diz: “Quem não quer trabalhar também não há de comer” (2 Tessalonicenses 3.10),

e condiciona o recebimento do pão ao trabalho realizado. A Escritura, porém, não se refere ao direito ao pão que o trabalhador presumivelmente pudesse ter perante Deus. O trabalho é ordenado, sem dúvida; o pão, porém, é dádiva espontânea e graciosa de Deus. Não é óbvio que o nosso trabalho renda o pão de cada dia, isso é obra da graça de Deus. O dia pertence só a ele. Portanto, ao meio-dia, a comunidade cristã se reúne e se deixa convidar por Deus para a mesa. A hora do meio-dia é uma das sete horas de oração da Igreja e do salmista. No apogeu do dia, a Igreja invoca o triúno Deus em louvor a suas maravilhas e, em oração, pede por ajuda e redenção para breve. Ao meio-dia, o céu escureceu sobre a cruz de Cristo. A obra da salvação estava se encaminhando para o seu cumprimento. Onde uma comunidade cristã puder reunir-se a essa hora para uma breve devoção em canto e oração, ela não o fará em vão.

O trabalho do dia chega ao fim. Se foi árduo e cansativo, o cristão entenderá melhor a poesia de Paul Gerhardt:

“Cabeça, pés e mãos  
alegram-se que o trabalho  
chegou ao fim.  
Alegre-te, coração,  
pois também das aflições dessa terra,  
do trabalho sob o pecado  
estarás livre.”

Um dia é suficientemente extenso para conservar-se a fé. O dia de amanhã terá suas próprias preocupações.

Uma vez mais se reúne a família cristã. A comunhão de mesa à noite e a última devoção se unem. Oram com as palavras dos discípulos de Emaús: “Permanece conosco, pois cai a tarde e o dia já declina” (Lucas 24.29). É bom quando a devoção vespertina pode ser realizada depois de toda atividade do dia, de sorte que seja a última palavra antes do descanso noturno. Quando cai a noite, a verdadeira luz da Palavra de Deus resplandece com brilho tanto

maior para a comunidade. Oração de salmo, leitura bíblica, canto e oração comum encerram o dia da forma como começou. Sobre a oração vespertina gostaria ainda de dizer algumas palavras.

Esse é o momento especial para a intercessão comum. Depois de um dia de trabalho, rogamos a Deus por bênção, paz e preservação para toda a cristandade, para nossa comunidade, os pastores e seu ministério, todos os pobres, miseráveis, solitários, doentes e moribundos, vizinhos, familiares e por nossa comunhão. Haveria outra hora em que poderíamos saber com maior profundidade do poder de Deus e sua atuação do que na hora em que deixamos de lado o trabalho e nos confiamos em suas mãos fiéis? Quando estaríamos mais preparados para pedir por bênção, paz e preservação do que ali onde nosso fazer chegou ao fim? Quando nós nos cansamos, Deus realiza sua obra. "Não dorme nem cochila o guarda de Israel" (Salmo 121.4).

A oração vespertina da comunidade cristã incluirá de modo especial a prece por perdão de toda injustiça que cometemos perante Deus e perante os irmãos, pelo perdão de Deus, dos irmãos, e pela disposição de perdoarmos de bom grado toda injustiça cometida contra nós. Nos conventos existe um costume antigo: no culto vespertino, o abade pede, obedecendo a uma ordem fixa, perdão aos irmãos por toda omissão e culpa que lhes cometeu. Após a palavra de perdão por parte dos irmãos, esses igualmente pedem perdão ao abade pelas omissões e culpa, recebendo, por sua vez, o perdão dele. "Não se ponha o sol sobre a sua ira". Esta é uma regra fundamental da comunhão cristã: toda separação ocorrida durante o dia tem que ser sanada à noite. É perigoso para o cristão deitar-se de coração não reconciliado. Por isso é bom incluir na oração vespertina a prece por perdão fraternal de modo especial, para reconciliar e consolidar a comunhão.

Por fim, é impressionante a frequência com que retorna nas orações antigas a prece por preservação durante a noite do diabo, do

medo e da morte má e súbita. Os antigos ainda tinham consciência do desamparo do ser humano durante o sono, da afinidade do sono com a morte, da artimanha do diabo de fazer a pessoa cair enquanto está indefesa. Por isso implora o amparo dos santos anjos e de suas armas douradas, pedem a presença dos exércitos celestiais quando Satanás quer apoderar-se de nós. A prece mais singular e profunda da Igreja Antiga é esta: "Que Deus permita que enquanto dormem os olhos, o coração se mantenha desperto para ele". Pede-se que Deus more conosco, mesmo que nada sintamos ou saibamos, que nos conserve o coração puro e santo em face das ansiedades e tribulações da noite, que mantenha alerta o nosso coração para ouvir seu chamado a qualquer hora e para responder também durante a noite, a exemplo do jovem Samuel: "Fala, que teu servo ouve" (1 Samuel 3.10). Também durante o sono estamos ou na mão de Deus, ou sob o poder do mal. Também durante o sono Deus pode realizar maravilhas, ou então Satanás pode causar estragos em nós. Por essa razão, oramos à noite: "Enquanto dormem os olhos, que vigiem os corações; guarda-nos a mão direita de Deus, e livra-nos das amarras do pecado" (Lutero).

Contudo, manhã e noite estão sob a palavra do Salmo: "O dia te pertence, e a noite é tua" (Salmo 74.16).

# 3

## A SOLIDÃO DIÁRIA

“A ti convém o louvor em Sião, ó Deus” (Salmo 65.2). Muitas pessoas procuram a comunhão por medo de ficarem sozinhas. Por não suportarem a solidão, são impelidas a procurar a companhia de outras pessoas. Também cristãos que não conseguem lidar consigo mesmos, que fizeram más experiências consigo mesmos, esperam encontrar ajuda na comunhão com outras pessoas. Na maioria dos casos, porém, ficam frustrados e passam a acusar a comunidade de coisas das quais eles próprios são os culpados. A comunhão cristã não é um sanatório espiritual. Quem se associa à comunhão cristã por estar fugindo de si mesmo, abusa dela, usando-a para conversação e divertimento, por mais espiritual que isso possa parecer. Na realidade, não busca a comunhão, mas o êxtase que lhe permite esquecer, por alguns instantes, a solidão, e que, por isso mesmo, causa o isolamento fatal da pessoa. O resultado de semelhantes tentativas de cura é a desintegração da Palavra e de toda experiência autêntica, e por fim a resignação e a morte espiritual.

*A pessoa que não suporta a solidão deve tomar cuidado com a comunhão.*

Ela só causará dano a si mesma e à comunhão. Sozinho estavas diante de Deus quando ele te chamou; sozinho tiveste que seguir o chamado; sozinho tiveste que tomar sobre ti a cruz, lutar e orar; sozinho morrerás e prestarás contas a Deus. Não podes fugir de ti mesmo, pois o próprio Deus te separou. Se não queres ficar sozinho,

rejeitas o chamado de Cristo e não terás parte na comunhão dos eleitos. “Todos somos chamados à morte, e ninguém morrerá em lugar do outro; cada qual lutará pessoalmente com a morte... e eu não estarei a teu lado nem tu do meu” (Lutero).

O contrário também é verdadeiro:

*A pessoa que não se encontra na comunhão, que tome cuidado com a solidão.*

É na comunidade que foste chamado, e o chamado não se dirigiu a ti somente; levas a tua cruz na comunhão dos eleitos, nela lutas e oras. Jamais estarás sozinho, e inclusive na morte e no dia derradeiro serás apenas um membro da grande comunidade de Jesus Cristo. Se desprezares a comunhão dos irmãos, rejeitas o chamado de Jesus Cristo e tua vida solitária apenas te acarretará desgraça. “Quando morrer, não estou sozinho na morte; se sofrer, ela (a comunidade) sofrerá comigo” (Lutero).

Nós reconhecemos: somente podemos ficar sozinhos se estivermos na comunhão, e somente quem está sozinho pode viver em comunhão. Ambas pertencem juntas. Só na comunhão aprendemos a estar sozinhos no sentido correto; e somente na solidão aprendemos a viver de modo correto na comunhão. Uma coisa não precede à outra; ambas começam ao mesmo tempo, a saber, com o chamado de Jesus Cristo.

Isoladamente, todas as situações encerram profundos abismos e perigos. Quem quer ter comunhão sem ficar solitário, cai no abismo vazio das palavras e emoções; quem procura ficar sozinho sem pertencer à comunhão, perece no abismo da vaidade, do amor próprio e do desespero.

Quem não suporta a solidão, que tome cuidado com a comunhão. Quem não se encontra na comunhão, que tome cuidado com a solidão.

O dia em comunhão da comunidade cristã é acompanhado do dia solitário de cada pessoa. E não pode ser diferente. Sem o dia em solidão, o dia em comunhão é infrutífero tanto para a comunhão como para a pessoa.

A característica da solidão é o silêncio, como a palavra é a característica da comunhão. Silêncio e palavra estão na mesma relação íntima e na mesma distinção como solidão e comunhão. Essa não existe sem aquela. A palavra correta procede do silêncio, o silêncio correto procede da palavra.

Silenciar não significa emudecer, como palavra não significa tagarelice. Mudez não produz solidão, e palavra não produz comunhão. "Silêncio é o excesso, a embriaguez e o sacrifício da palavra. A mudez, porém, é impura, como coisa mutilada, não sacrificada... Zacarias ficou mudo em vez de ficar em silêncio. Se tivesse aceito a revelação, talvez tivesse saído do templo em silêncio, porém não mudo" (Ernest Hello). A palavra que restabelece e reata a comunhão vem acompanhada do silêncio. "Há tempo de calar e tempo de falar" (Eclesiastes 3.7). Da mesma forma como o cristão reserva algumas horas por dia para a palavra, em especial para a devoção e a oração em conjunto, também são necessários certos períodos de silêncio sob e a partir da Palavra. Serão esses especialmente os momentos que precedem à leitura da Palavra. A Palavra não chega aos barulhentos, mas aos que silenciam. O silêncio no templo é o sinal da santa presença de Deus em sua Palavra.

Existe uma indiferença e mesmo uma rejeição que considera o silêncio um desprezo pela revelação de Deus na Palavra. Essa é uma interpretação errônea do silêncio no sentido de gesto solene, do desejo místico de ir além da Palavra. Já não se reconhece o silêncio em sua relação essencial com a Palavra, com o singelo aquietar-se do indivíduo sob a Palavra de Deus. Silenciamos antes de ouvir a Palavra porque os pensamentos já estão voltados para ela, como silencia a criança quando entra no quarto do pai. Silen-

ciamos depois de ouvir a Palavra, pois ela continua falando e vivendo e toma morada em nós. Silenciamos na primeira hora do dia porque queremos que Deus tenha a primeira palavra. Silenciamos antes de nos recolhermos, pois também a última palavra do dia pertence a Deus. Silenciamos exclusivamente por amor à Palavra, portanto, não para desprezá-la, pelo contrário, para honrá-la e recebê-la como convém. Em última análise, silenciar nada mais significa do que estar à espera da Palavra de Deus e regressar abençoados por ela. Cada pessoa sabe por si que é preciso aprender a silenciar numa época em que prevalece o palavrório, e que silenciar de verdade, aquietar-se, frear a língua é apenas consequência sóbria do silêncio espiritual.

Silenciar antes de ouvir a Palavra terá reflexos para o dia todo. Se aprendemos a silenciar antes de ouvir a Palavra, também aprenderemos a administrar o silenciar e o falar durante o dia. Existe um silêncio proibido, presunçoso, arrogante, ofensivo. Daí já se pode deduzir que não é deste silenciar que se trata. O silêncio do cristão é o silêncio que escuta humilde, e que, por causa da humildade, pode ser interrompido a qualquer momento. É o silêncio associado à Palavra. Era isso que Tomás a Kempis quis dizer ao afirmar: "Ninguém fala com maior segurança do que aquele que gosta de silenciar". O silêncio encerra um maravilhoso poder de esclarecimento, purificação, de concentrar-se no essencial. Isso já é uma constatação profana. Silenciar antes da Palavra, porém, leva-nos a ouvir corretamente e nos capacita, assim, a dizer a Palavra de Deus correta na hora certa. O desnecessário não é dito. O essencial e o que ajuda podem ser ditos em poucas palavras.

No caso em que uma comunidade vive num espaço muito limitado, não havendo condições de proporcionar a cada um o silêncio de que precisa, é necessário estabelecer períodos de silêncio absoluto. Depois de um tempo de silêncio, encaramos o outro de maneira diferente e nova. Muitas comunidades só poderão garantir momentos de recolhimento silencioso a seus membros se instituírem uma

ordem rigorosa nesse sentido, e assim poderão preservar a si mesmos de certos danos.

Não queremos enumerar aqui todos os maravilhosos frutos que o cristão pode colher na solidão e no silêncio. Correríamos o risco de enveredarmos por atalhos perigosos. Além disso, teríamos que enumerar também algumas experiências obscuras que podem surgir do silêncio. Ele pode ser um deserto terrível, com toda a sua desolação e pavor. Pode também ser um paraíso da auto-ilusão, o que não é melhor. Portanto, seja como for: que ninguém espere do silêncio outra coisa senão o confronto singelo com a Palavra de Deus, por amor a qual se recolheu ao silêncio. Esse encontro, porém, lhe será presenteado. O cristão não deve estabelecer nenhuma condição quanto ao que pretende ou espera desse encontro. Deve aceitá-lo assim como ele acontecer, e seu silêncio será ricamente recompensado.

O cristão precisa de um espaço de tempo fixo para si, durante o dia, para três coisas:

- \* *para meditar na Palavra,*
- \* *para a oração,*
- \* *e para a intercessão.*

Para estas três coisas deverá haver tempo no “período de meditação” diário. Não há nada de especial nessa expressão. Com ela apenas retomamos um termo antigo da Igreja e da Reforma.

Por que se faz necessário esse período especial se já temos todas essas coisas na devoção conjunta? A seguir daremos a resposta.

O período de meditação serve ao estudo pessoal da Bíblia, à oração e à intercessão pessoais; esse é seu único propósito. Nela não há lugar para experiências espirituais. No entanto, deverá haver tempo para essas três coisas, pois o próprio Deus exige-as de nós. Mesmo que, por um longo período, a meditação não nos significasse nada mais do que prestar um serviço devido a Deus, isso já bastaria.

O período de meditação impede que caiamos no vazio e no abismo da solidão e nos proporciona a ocasião de ficarmos sozinhos com a Palavra. Dessa maneira, ela nos põe em terreno firme e dá orientação clara para os passos que devemos dar.

Na devoção conjunta lemos um trecho maior num contexto corrido. Na meditação, porém, atemo-nos a um trecho curto e escolhido, e que, se possível, não mude por uma semana. A leitura conjunta leva-nos mais para a amplitude e o todo da Escritura Sagrada. Na meditação pessoal, todavia, somos levados para a insondável profundidade de cada frase e de cada palavra. Ambas são necessárias, “assim tereis condições de compreender com todos os santos qual é a largura e o comprimento e a altura e a profundidade” (Efésios 3.18).

Na meditação, lemos o texto proposto com vistas à promessa de que ela contém uma mensagem bem pessoal para o dia de hoje e para nossa situação de cristãos, e que ela não é apenas Palavra de Deus para a comunidade, mas também para mim pessoalmente. Expomo-nos a cada frase ou palavra até sermos atingidos pessoalmente por ela. Assim procedendo, nada mais fazemos do que aquilo que o cristão mais simples e menos instruído faz todos os dias: lemos a Palavra de Deus como sendo a Palavra de Deus para nós. Portanto, não perguntamos pelo que o texto tem a dizer a outras pessoas. Para nós, pregadores, isso significa: não procuraremos saber como pregaríamos sobre esse texto ou como o lecionaríamos a nossos alunos, mas o que ele tem a dizer para nós bem pessoalmente. Para tanto, é evidente que primeiro deve-se compreender o conteúdo do texto. No entanto, não fazemos exegese, não preparamos um sermão, não fazemos estudo bíblico de qualquer espécie – apenas esperamos pela Palavra de Deus para nós. Não se trata de esperar sem esperanças; é esperar baseado em promessa clara. Muitas vezes, estamos tão sobrecarregados com outros pensamentos, impressões e anseios, que demora até que a Palavra de Deus afaste tudo isso do caminho e venha a nós. Mas ela vem com certeza, tão

certo como o próprio Deus veio para junto da humanidade e quer tornar a vir. Justamente por isso iniciaremos nossa meditação, pedindo que Deus nos envie seu Espírito Santo por meio de sua Palavra, e nos revele e esclareça a sua Palavra.

Não é necessário que passemos todo o texto na meditação. Muitas vezes teremos que nos deter numa única frase ou até numa só palavra, porque nos prende, desafia e não conseguimos fugir dela. Não basta algumas vezes um vocábulo como “Pai”, “amor”, “misericórdia”, “cruz”, “santificação”, “ressurreição” para preencher completamente o breve período de meditação?

Também não é preciso que nos esforcemos na meditação em pensar e orar com palavras. Pensar e orar em silêncio, que só brota do ouvir, pode, muitas vezes, ser mais proveitoso.

Não se exige que na meditação nos venham novas idéias. Isso freqüentemente só nos distrai e serve para satisfazer nossa vaidade. Basta perfeitamente quando a Palavra, tal qual a lemos e entendemos, penetre e tome morada em nós. À semelhança de Maria que “meditava essas palavras em seu coração”, assim como a palavra de alguém nos acompanha por muito tempo, morando e trabalhando em nós, ocupando, preocupando ou alegrando-nos sem que possamos fazer algo para impedir – assim a Palavra de Deus quer penetrar em nós e ficar conosco na meditação: quer mexer conosco, trabalhar em nós e fazer com que nos ocupemos com ela o dia inteiro. E assim realizará sua obra em nós sem que percebamos.

Sobretudo, não é necessário que façamos experiências inesperadas e extraordinárias na meditação. Isso pode muito bem acontecer. No entanto, se não acontecer, isso não é sinal de que a meditação foi em vão. Constantemente, e não só no começo, experimentaremos períodos de grande aridez e apatia interior, aversão e incapacidade de meditar. Tais experiências, porém, não nos devem deter. Acima de tudo, não devem nos fazer desistir de observarmos o tempo reservado à meditação com grande persistência e fidelidade, agora mais

do que nunca. Por isso, não é bom levarmos muito a sério as tantas experiências desastrosas que fazemos conosco mesmos na meditação. Pois dessa maneira, a antiga pretensão ilícita perante Deus poderia insinuar-se por rodeios piedosos, como se tivéssemos direitos a toda uma série de experiências edificantes e exitosas, e como se a experiência de nossa pobreza interior fosse indigna de nós. Com tal atitude, porém, não faremos progresso. Impaciência e auto-acusação apenas fomentam a vaidade e nos enrolam cada vez mais na rede da auto-observação. Para isso, porém, não há tempo na meditação, como, aliás, não há de forma alguma na vida cristã. A atenção deve prender-se unicamente na Palavra, e confiar tudo à sua eficácia. Será que o próprio Deus não nos envia as horas vazias e áridas para aprendermos novamente a esperar tudo de sua Palavra? “Busca a Deus e não a alegria” – eis a regra básica de toda meditação. Se procurarmos a Deus somente, teremos alegria – eis a promessa de toda meditação.

A meditação na Palavra conduz à oração. Já dissemos anteriormente que o caminho mais promissor para a oração é deixar-se guiar pela Palavra, orar a partir da Palavra. Dessa maneira, não seremos vítimas do vazio que reina em nós. Orar, então, nada mais é do que a disposição para uma apropriação da Palavra, para mim, em minha situação pessoal, em minhas tarefas, decisões, pecados e tentações específicas. As coisas que não têm lugar na oração conjunta podem ser ditas aqui em silêncio perante Deus. Baseados na Palavra da Escritura, oramos por orientação clara para o dia, por preservação do pecado, crescimento na santificação, fidelidade e forças para o trabalho, e podemos estar certos de que nossas orações serão ouvidas, porque procedem da Palavra e promessa de Deus. Por ter a Palavra de Deus encontrado seu cumprimento em Jesus Cristo, todas as orações que fazemos em nome dessa Palavra, são cumpridas e ouvidas em Jesus Cristo.

Uma das maiores dificuldades do período de meditação é que nossos pensamentos divagam com facilidade e enveredam por ca-

minhos próprios, dirigindo-se a outras pessoas ou acontecimentos da nossa vida. Por mais que isso nos entristeça e envergonhe, também nesse caso não podemos desanimar e temer, ou até concluir que isso não é nada para nós. Pode ser uma ajuda se, nessas circunstâncias, não tratamos de reprimir os pensamentos à força, mas incluir calmamente as pessoas e os acontecimentos, para os quais os pensamentos teimam em voltar, em nossa oração, voltando, assim, com toda a paciência ao ponto inicial da meditação.

Assim como relacionamos a oração à Palavra da Escritura, assim também o fazemos com a intercessão. Na devoção conjunta é impossível interceder por todas as pessoas que nos foram confiadas, ao menos não como nos é ordenado fazer. Toda pessoa cristã tem seu círculo de pessoas que lhe pedem a intercessão ou pelas quais se sente chamada a orar por certos motivos. Em primeiro plano estão as pessoas com as quais convivemos todos os dias. Com isso chegamos a um ponto no qual ouvimos a batida do coração de todo convívio cristão: ou a comunidade cristã vive da intercessão mútua de seus membros, ou então ela morre. Não se pode condenar ou odiar um irmão pelo qual se ora, por maiores que sejam os problemas que ele nos cause. Na intercessão, seu rosto, antes talvez estranho e insuportável, se transforma no rosto de um irmão pelo qual Cristo morreu, no rosto do pecador perdoado. Essa é uma descoberta gratificante para o cristão que começa a praticar a intercessão. Não existe antipatia, nem tensão pessoal, nem desentendimento que, no que diz respeito a nós, não possa ser vencido pela intercessão. A intercessão é banho purificador ao qual toda pessoa e a comunidade toda terá que submeter-se diariamente. Pode ser árdua a luta com o irmão na prece intercessória; no entanto, ela tem a promessa de conduzir ao alvo.

Como acontece isso? Interceder nada mais é do que levar o irmão à presença de Deus, vê-lo sob a cruz como o ser humano pobre e pecador que carece da graça. Então desaparece tudo o que nele me causa repúdio. Vejo-o em toda sua carência e miséria, sua indigên-

cia e seus pecados se tornam tão grandes e deprimentes aos meus olhos como se fossem meus próprios, e nada posso senão implorar: Senhor, age tu com ele, só tu, conforme tua severidade e bondade. Interceder significa conceder ao irmão o mesmo direito que nós recebemos, a saber, estar na presença de Cristo e ter parte em sua misericórdia.

Está claro que também a intercessão é um serviço devido a Deus e ao irmão, que deve ser realizado diariamente. Negar a intercessão ao próximo é negar-lhe o serviço cristão. Além disso, evidenciou-se que a intercessão não é algo geral e difuso, mas algo bem concreto. Trata-se de determinadas pessoas, de determinadas dificuldades e, por isso, também de determinadas preces. Quanto mais precisa minha intercessão, maior promessa terá.

Por fim, também não podemos deixar de compreender que o serviço da intercessão exige tempo de todo cristão, do pastor mais do que dos outros, porque tem a responsabilidade por toda uma comunidade. Praticada corretamente, a intercessão ocuparia todo o tempo disponível para a meditação diária. Em tudo isso se evidenciará que a intercessão é um presente da graça de Deus para toda comunhão cristã e para cada cristão individualmente. Aqui nos é feita uma oferta incomensurável. Não deixaremos de fazer uso dela com alegria. Justamente o tempo que dedicamos à intercessão será fonte diária de nova alegria em Deus e na comunidade cristã.

Meditação da Palavra, oração e intercessão são serviços devidos, e neles se encontra a graça de Deus. Assim sendo, devemos nos disciplinar no sentido de reservar para eles um espaço de tempo determinado, assim como para qualquer outro serviço que temos a fazer. Isso não tem nada a ver com legalismo, isso é disciplina e fidelidade. Para a maioria, o momento mais apropriado é a primeira hora do dia. Temos o direito a essa hora também perante outras pessoas, e é lícito insistirmos em conseguí-la livre de toda perturbação e silenciosa, apesar de todas as dificuldades externas. Para o



pastor, isso se constitui um dever indispensável, e todo o seu ministério dependerá de seu cumprimento. Quem terá a pretensão de querer ser fiel em coisas grandes quando não aprendeu a sê-lo nas coisas cotidianas?

Cada dia oferece ao cristão muitas horas de solidão em meio a um mundo não-cristão. Esse é o tempo da "prova", em que se coloca em prova a verdadeira meditação e comunhão cristã. A comunhão serviu para tornar cada um de seus membros mais livre, forte e adulto, ou tornou-o indolente, dependente? Ela tomou-o pela mão por algum tempo, para que aprendesse a dar passos próprios novamente, ou transformou-o em pessoa medrosa e insegura? Essa é uma das perguntas mais sérias e difíceis que se faz a toda a comunhão de vida cristã. Além disso, deve-se decidir a essa altura se a hora da meditação conduziu o cristão a um mundo irreal, do qual acorda apavorado quando retorna ao mundo terreno de seu trabalho, ou se o conduziu ao mundo real de Deus, do qual sai fortalecido e purificado para enfrentar o dia? A meditação transferiu-o por breves instantes a uma embriaguez espiritual que se desvanece face ao cotidiano, ou implantou no seu coração a Palavra de Deus com tanta sobriedade e profundidade que ela o sustenta e fortalece o dia todo, de sorte que o impele ao amor ativo, à obediência, à boa obra? Isso somente o dia dirá.

A presença invisível da comunhão cristã é uma realidade e uma ajuda para o indivíduo? Estou sendo carregado durante o dia pela intercessão dos demais? A Palavra de Deus está próxima de mim como consolo e força? Ou estarei abusando dos momentos de solidão contra a comunhão, a Palavra e a oração? Cada um deve saber que também a sua hora de solidão age sobre a comunhão. Na sua solidão, o indivíduo pode dilacerar a comunhão e poluí-la, mas também pode fortalecer e santificá-la. Toda autodisciplina do cristão é serviço à comunidade. Por outro lado, não existe pecado em pensamento, palavra e ação, por mais pessoal e secreto que seja, que não venha em prejuízo da comunidade toda. Um agente patogênico ins-

tala-se no corpo. Talvez ainda não se saiba de onde veio, em qual dos membros se aninhou, mas o corpo está doente. Esse é o quadro da comunidade cristã. Haja vista que somos membros de um só Corpo, e isso não somente quando queremos ser, pois o somos com todo o nosso ser, cada membro serve ao Corpo todo, tanto para seu bem como para sua destruição. Não se trata de teoria, mas de uma realidade espiritual que será experimentada amiúde na comunhão cristã de forma impressionantemente clara, destrutiva ou feliz.

Ao findar do dia, quem retorna à comunhão da família cristã traz consigo a bênção da solidão, e ele próprio recebe a bênção da comunhão. Abençoado o que está solitário sob o poder da comunhão; abençoado o que permanece na comunhão sob o poder da solidão. O poder da solidão e o poder da comunhão são unicamente o poder da Palavra de Deus dirigida ao indivíduo na comunhão.

# 4

## O SERVIÇO

“Houve entre eles uma discussão: qual deles seria o maior?” (Lucas 9.46). Sabemos quem semeia semelhante pensamento na comunidade cristã. No entanto, talvez não estejamos suficientemente conscientes de que é impossível uma comunidade cristã se reunir sem que surja logo esse pensamento como semente de discórdia. Mal as pessoas se encontram, logo têm que começar a observar, julgar e enquadrar umas às outras. Dessa maneira, já no surgimento da comunhão cristã começa também uma invisível, muitas vezes inconsciente, horrível luta de vida e morte. “Houve entre eles uma discussão” – isso basta para destruir a comunhão. Por isso é de vital importância para toda a comunidade cristã que ela enfrente esse inimigo desde a primeira hora e o extermine. Nesse ponto não há tempo a perder, pois assim que uma pessoa se encontra com outra, cada qual busca uma posição estratégica para se defender. Há pessoas fortes e fracas. Se alguém não é forte, logo invoca para si o direito dos fracos e o usa contra o forte. Há as pessoas talentosas e as pessoas sem talento, pessoas simples e pessoas difíceis, piedosas e menos piedosas, pessoas sociáveis e as esquisitas. A pessoa destituída de talento não precisa firmar sua posição do mesmo modo como faz a pessoa talentosa, a pessoa difícil como a pessoa simples? E se não sou talentoso, talvez seja piedoso; se não sou piedoso, talvez nem o queira ser. Por acaso não pode a pessoa sociável conquistar tudo para si num só instante, envergonhando assim o tímido? Por acaso a pessoa esquisita não pode se tornar o inimigo invencível e,

por fim, o vencedor sobre as pessoas sociáveis? Que pessoa não encontraria com certeza instintiva o lugar no qual possa se firmar e se defender, lugar esse que jamais cederá a outro qualquer e o qual defenderá com todo seu instinto de auto-afirmação? Tudo isso pode acontecer das formas mais civilizadas e inclusive mais piedosas. O que importa é que uma comunidade cristã saiba que, com toda certeza, “houve entre eles uma discussão: qual deles seria o maior?”. É a luta da pessoa natural pela autojustificação. E ela a encontra somente ao comparar-se com outra pessoa, no julgamento dela. Autojustificação e julgamento andam de mãos dadas, assim como a justificação por graça e o servir.

Uma das melhores maneiras de combater os maus pensamentos é proibir-lhes fundamentalmente a palavra. Tão certo como o espírito da autojustificação só pode ser vencido a partir do espírito da graça, tão certo os pensamentos de julgar o semelhante são reprimidos e abafados quando jamais se lhes permite tomar a palavra, a não ser como confissão dos pecados da qual falaremos mais adiante.

Quem refreia língua domina alma e corpo (Tiago 3.3ss). Assim, regra fundamental para a comunhão cristã é: fica proibido fazer comentários velados sobre o irmão. Isso não se refere à advertência pessoal ao irmão. Isso é evidente e nós o veremos a seguir. O que não se pode admitir é o comentário velado sobre o irmão, inclusive quando feito sob a aparência de querer ajudar ou querer apenas o seu bem. Pois é precisamente sob esse disfarce que se infiltra o espírito do ódio fraternal quando pretende provocar prejuízo. Não é esse o lugar para mencionar os detalhes da limitação dessa regra. Para cada caso deve-se tomar uma decisão específica. O assunto, porém, está claro e é bíblico: “Sentas-te para falar contra o teu irmão, e desonras o filho de tua mãe. Assim te comportas, e eu me calaria? Imaginas que eu seja como tu? Eu te acuso e exponho tudo aos teus olhos” (Salmo 50.20, 21b). “Não faleis mal uns dos outros, irmãos. Aquele que fala mal de um irmão ou julga o seu irmão, fala mal da

Lei e julga a Lei. Ora, se julgas a Lei, já não estás praticando a Lei, mas te fazes juiz da Lei. Só há um legislador e juiz, a saber, aquele que pode salvar e destruir. Tu, porém, quem és para julgares o teu próximo?" (Tiago 4.11-12). "Não saia dos vossos lábios nenhuma palavra inconveniente, mas, na hora oportuna, a que for boa para edificação, que comunique graça aos que a ouvirem" (Efésios 4.29).

Lá onde se exercita essa disciplina da língua desde o princípio, cada qual fará uma descoberta incomparável: poderá deixar de observar a outra pessoa a todo instante, deixar de condená-la, de determinar-lhe o espaço dentro do qual pode se mover, e de agredi-la. Agora terá condições de deixar o irmão como ele é, da maneira como Deus o colocou à sua frente. Abre-se o horizonte e, para sua admiração, pela primeira vez, reconhece nos irmãos a riqueza da magnificência criadora de Deus. Deus não fez o outro como eu o teria feito, não me deu o irmão para que eu o dominasse, mas para nele encontrar o Criador. Em sua liberdade de criatura, o semelhante se torna motivo de alegria para mim, enquanto antes somente me causava dificuldades e problemas. Deus não deseja que eu molde o outro conforme a imagem que eu considero boa, portanto, à minha própria imagem. Em sua liberdade em relação a mim, Deus criou o outro à sua imagem. Jamais poderei saber de antemão como a imagem de Deus aparecerá no outro; pois ela assume formas sempre novas, que se baseiam unicamente na livre criatividade de Deus. Pode ser que tais formas pareçam estranhas para mim, nada divinas até. Deus, porém, cria a humanidade à semelhança de seu Filho, o Crucificado – quadro que, aliás, também me parecia estranho e nada divino antes de compreendê-lo.

Agora, força e fraqueza, inteligência e ignorância, talentoso e sem talento, piedoso e menos piedoso – todas as diferenças individuais dentro da comunidade não serão motivo para falatório, julgamento, condenação, ou seja, motivo de autojustificação, mas serão razões de uns se alegrarem nos outros e de se servirem mutuamente. Também nessas circunstâncias cada membro recebe seu lugar de-

terminado, mas já não será o lugar em que possa se impor com maior sucesso, mas no qual poderá servir da forma mais adequada.

Na comunhão cristã, tudo depende de que cada pessoa se transforme num elo indispensável de uma corrente. A corrente será inquebrável só quando o menor elo engrenar com firmeza também. Uma comunidade que tolera a existência de membros que não são aproveitados, irá à ruína através deles. Será, pois, conveniente que cada pessoa receba uma tarefa determinada dentro da comunidade, para que, em momentos de dúvida, saiba que também ela não é inútil e inaproveitável. Toda comunhão cristã deve saber que não apenas os fracos necessitam dos fortes, mas que também os fortes necessitam dos fracos. A exclusão dos fracos é a morte da comunhão. Não será a autojustificação e, por conseguinte, a violação que governará a comunhão cristã, mas a justificação por graça e, por conseguinte, o serviço. Quem, alguma vez em sua vida, experimentou a misericórdia de Deus, dali por diante só desejará servir. O soberbo trono de juiz já não o atrai. Prefere ficar embaixo, junto com os miseráveis e os pequenos, pois foi lá que Deus o encontrou. "Tende a mesma estima uns pelos outros, sem pretensões de grandeza, mas sentindo-vos solidários com os mais humildes" (Romanos 12.16).

Quem quer aprender a servir precisa, primeiramente, aprender a pensar pequeno de si mesmo. "Não tenha de si mesmo um conceito mais elevado do que convém" (Romanos 12.3). "Conhecer bem a si mesmo e aprender a ter-se em pequena conta, eis a suprema e mais útil tarefa. Não ter a si mesmo em alto conceito e ter sempre a melhor opinião sobre o outro, isso é grande sabedoria e perfeição" (Tomás a Kempis). "Não vos deis ares de sábios" (Romanos 12.16b). Somente quem vive do perdão de seus pecados em Jesus Cristo saberá pensar pequeno de si mesmo, saberá que sua sabedoria estava no fim quando Jesus lhe perdoou, lembrar-se-á da sabedoria dos primeiros seres humanos que queriam conhecer o bem e o mal, e que pereceram nessa sabedoria. O primeiro homem que nasceu nes-

sa terra foi Caim, o fraticida. Eis o fruto da sabedoria humana. Porque o cristão já não pode se considerar sábio, também terá em baixa consideração seus planos e intentos; saberá que é benéfico que a própria vontade se quebre no encontro com o próximo. Estará disposto a considerar a vontade do próximo mais importante e prioritária do que a sua própria. Que importa que os próprios planos sejam frustrados? Não é melhor servir ao próximo do que impor a própria vontade?

Mas não somente a vontade do próximo é mais importante do que a minha, também a sua honra. “Como podereis crer, vós que recebeis glória uns dos outros, mas não procurais a glória que vem do Deus único?” (João 5.44). O desejo por honra própria dificulta a fé. Quem busca sua própria honra, já não busca a Deus nem ao próximo. Que importa que eu sofra injustiças? Não mereceria castigo pior se Deus não agisse comigo segundo sua misericórdia? Aca-so não me foi feita mil vezes justiça na injustiça? Não haverá de ser útil e bom para a humildade que eu aprenda a suportar tão insignificantes males em silêncio e paciência? “Mais vale a paciência do que a pretensão” (Eclesiastes 7.8). Quem vive da justificação por graça, estará disposto a sofrer ofensas e injúrias sem protestar, aceitando-as da mão de Deus, que castiga e se compadece. Não é bom sinal quando não se pode ouvir nem suportar semelhantes coisas sem evocar logo o fato de que também Paulo fez valer seus direitos de cidadão romano, por exemplo, e que também Jesus retorquiu ao que lhe batia: “Por que me bates?” (João 18.23). Em todos os casos, nenhum de nós procederá realmente como Jesus e Paulo, se antes não aprender a silenciar diante de ofensas e ultrajes assim como eles silenciaram. O pecado da suscetibilidade, que floresce tão depressa na comunidade, revela reiteradamente quanta falsa honra-dez, o que é o mesmo que dizer quanta descrença, ainda vive na comunhão.

Por fim, precisa-se ainda fazer uma afirmação extremada. Não se considerar sábio, igualar-se aos humildes significa, sem rodeios

e com toda a sobriedade, considerar-se o maior dos pecadores. Isto provoca toda a resistência da pessoa natural, e também a do cristão consciente. Soa como um exagero, parece mentira. No entanto, Paulo disse ser ele próprio o “principal”, isto é, o maior dos pecadores (1 Timóteo 1.15), e exatamente no contexto em que fala de seu ministério apostólico. Não há reconhecimento autêntico do pecado que não leve a essa profundidade. Enquanto o meu pecado ainda me parecer pequeno, menos condenável, em comparação com os pecados de outras pessoas, ainda estarei longe de reconhecer o meu pecado. Meus pecados são necessariamente os maiores, os mais graves e os mais condenáveis. O amor fraterno descobre numerosas desculpas para os pecados de outras pessoas, só para o meu próprio é que não há desculpa alguma. Por isso ele é o mais grave de todos. Quem quiser servir ao irmão na comunidade deverá descer às profundezas da humildade. Como eu poderia servir em humildade sincera a alguém, cujo pecado considero bem mais grave do que o meu próprio? Não estou me considerando superior a ele? Posso ainda ter esperança para ele? Isso seria um serviço hipócrita. “Não acredita que avançaste um passo na obra da santificação enquanto não sentires bem no íntimo que és menor que todos os demais” (Tomás a Kempis).

Como é realizado, pois, o autêntico serviço fraternal na comunidade cristã? Em nossos dias, estamos levemente inclinados a responder rapidamente que o único serviço real que podemos prestar ao próximo é o serviço da Palavra de Deus. É bem verdade que nenhum serviço se compara a esse e que todos os demais estão orientados para ele. Contudo, a comunidade cristã não se constitui só de pregadores da Palavra. Tal abuso poderia se tornar monstruoso se aqui fosse relevada uma série de outras coisas.

O primeiro serviço que alguém deve ao outro na comunidade é ouvi-lo. Assim como o amor a Deus começa quando ouvimos a sua Palavra, assim também o amor ao irmão começa quando aprendemos a escutá-lo. É prova de amor de Deus para conosco que não

apenas nos dá a sua Palavra, mas também nos empresta o seu ouvido. Portanto, é realizar a obra de Deus no irmão quando aprendemos a ouvi-lo. Cristãos, e de modo especial os pregadores, sempre acham que têm que “oferecer” algo quando se encontram na companhia de outras pessoas, como se isso fosse seu único serviço. Esquecem que ouvir pode ser um serviço maior do que falar. Muitas pessoas procuram um ouvido atento, e não o encontram entre os cristãos, porque esses falam também quando deveriam ouvir. Porém, quem não consegue mais ouvir o irmão, em breve também não conseguirá mais ouvir a Deus. Estará sempre falando, também perante Deus. Aqui começa a morte da vida espiritual, e no fim restará só o palavreado piedoso, a condescendência clerical que sufoca em palavras piedosas. Quem não sabe ouvir por longo tempo e com paciência, jamais se comunicará de fato com seu interlocutor e nunca o entenderá, e por fim nem sequer se dará conta disso. Quem considera seu tempo valioso demais para gastá-lo em ouvir, nunca terá realmente tempo nem para Deus nem para o próximo. Terá tempo só para si mesmo, para suas próprias palavras e planos.

A cura de almas entre irmãos distingue-se da pregação basicamente pelo fato de ao ministério da Palavra associar-se o ministério de escutar. Também existe o ouvir “a meio ouvido”. A pessoa pensa que já sabe antecipadamente o que o outro tem a dizer. É o ouvir impaciente, desatento, que despreza o irmão, só à espera de poder tomar a palavra, para assim se livrar do interlocutor. Não é assim o cumprimento da nossa missão, e não há dúvida de que em semelhante atitude com o irmão, se reflete nada mais que nosso relacionamento com Deus. Não é de se admirar, pois, que já não tenhamos condições de prestar ao irmão o maior serviço que Deus nos ordenou, a saber, ouvir a confissão do irmão, quando já fechamos o ouvido para coisas menos significativas. O mundo pagão de nossos dias sabe que, muitas vezes, a melhor maneira de ajudar alguém é escutá-lo com seriedade. Em cima desse conhecimento montou uma cura de almas secular que atrai multidões, inclusive cristãos. Os cristãos, porém, esqueceram que o ministério do ouvir lhes foi ordenado por aquele

que é o maior ouvinte e em cuja obra devem participar. Devemos ouvir com os ouvidos de Deus, para poder falar com a sua Palavra.

O segundo serviço que devemos prestar uns aos outros numa comunidade cristã é colocarmo-nos à disposição para ajudar de maneira prática. Pensa-se, a princípio, na ajuda simples em coisas pequenas e externas. Existem muitas delas em toda a vida em comunidade. Não há serviço que seja demasiadamente modesto para alguém. Quem alega não ter tempo a perder com a ajuda externa em coisas pequenas, apenas revela que, na maioria das vezes, dá importância excessiva para seu próprio trabalho. Temos que nos dispor e permitir que Deus nos interrompa. Constantemente, a cada dia, Deus interferirá em nossos caminhos e planos, colocando à nossa frente pessoas com suas exigências e solicitações. Podemos passar por elas, ocupados com os assuntos importantes do dia, à semelhança do sacerdote na parábola do bom samaritano, quem sabe lendo a Bíblia. Quando procedemos dessa forma, passamos ao largo do sinal da cruz erigido de maneira visível em nosso caminho e que quer nos mostrar que é o caminho de Deus que interessa e não o nosso.

É um fato singular que justamente cristãos e teólogos muitas vezes consideram seu trabalho tão importante e urgente que não permitem que nada no mundo os interrompa. Pensam que assim prestam um serviço a Deus e, na realidade, desprezam o “caminho tortuoso, e, não obstante, reto de Deus” (Gottfried Arnold). Não querem saber do caminho humano constantemente entrecruzado! No entanto, faz parte da escola da humildade não poupar nossas mãos quando se trata de prestar serviço, e que não assumamos o poder sobre nosso tempo, mas permitamos que Deus o preencha. No convento, o voto de obediência prestado ao abade priva o monge de dispor de seu tempo. Na vida em comunhão evangélica, o voto monástico é substituído pelo serviço espontâneo ao irmão. Somente quando não se poupam as mãos no serviço de amor e de misericórdia na disposição diária de ajudar, pode a boca anunciar com alegria e credibilidade a Palavra do amor e da misericórdia de Deus.

Em terceiro lugar mencionamos o serviço de carregar o outro. “Carregai o peso uns dos outros, e assim cumprireis a Lei de Cristo” (Gálatas 6.2). Portanto, a lei de Cristo é carregar pesos. Carregar é sofrer. O irmão é um fardo para o cristão, justamente para o cristão. Para o pagão, o outro nem chega a se tornar um fardo. Ele evita qualquer encargo por causa dele, porém o cristão tem que carregar o fardo do irmão. Tem que suportar o irmão. O outro só será irmão quando se tornar um fardo, e só então deixará de ser objeto dominado. Tão pesado foi o fardo da humanidade ao próprio Deus que sob seu peso acabou na cruz. No corpo de Jesus Cristo, Deus de fato foi afligido pela humanidade. Carregou-a, porém, como a mãe leva uma criança, como o pastor põe no ombro a ovelha perdida. Deus aceitou os seres humanos e eles o esmagaram. Deus, porém, ficou com eles, e eles com Deus. Suportando as pessoas, Deus manteve comunhão com elas. Essa é a lei de Cristo cumprida na cruz. Os cristãos tomam parte nessa lei. Devem suportar e carregar o irmão e, o que é mais importante, agora podem suportá-lo sob a lei de Cristo cumprida.

Chama a atenção a frequência com que a Bíblia fala de carregar. Com esse vocábulo consegue expressar toda a obra de Jesus Cristo. “E no entanto eram as nossas enfermidades que ele levava sobre si, as nossas dores que ele carregava. Mas nós o tínhamos como vítima de castigo, ferido por Deus e humilhado” (Isaías 53.4). Por isso também pode afirmar que toda a vida do cristão consiste em carregar a cruz. É a comunhão do Corpo de Cristo que aqui se torna real. É a comunhão da cruz em que um tem que experimentar o fardo do outro. Se não o experimentasse, não seria uma comunhão cristã. Se rejeitasse carregá-lo, negaria a lei de Cristo.

Antes de mais nada é a liberdade do outro, à qual nos referimos acima, que se torna um fardo para o cristão. Ela atenta contra a sua autonomia, e mesmo assim ele precisa respeitá-la. Ele poderia livrar-se desse fardo, não o libertando, ao contrário, violentando-o, embutindo nele a sua imagem. Se, porém, permite que Deus crie

nele sua imagem, então reconhece sua liberdade e passa a carregar ele mesmo o fardo de tal liberdade da outra criatura. A liberdade alheia inclui tudo o que entendemos sob natureza, individualidade, predisposição, inclusive as fraquezas e as esquisitices que tanto exigem nossa paciência, tudo o que provoca o grande número de atritos, diferenças e conflitos entre mim e o irmão. Levar o fardo do outro significa aqui suportar a realidade do outro em sua condição de criatura, aceitá-la, e, sofrendo-a, chegar ao ponto de alegrar-se com ela.

Especialmente difícil é quando fortes e fracos na fé estão unidos na mesma comunidade. O fraco não julgue o forte; o forte não despreze o fraco. O fraco que se guarde da arrogância; o forte que se cuide da indiferença. Nenhum deles busque o seu próprio direito. Se cair o forte, previna o fraco seu coração contra a satisfação maldosa; se cair o fraco, ajude-lhe o forte a erguer-se. Um precisa da mesma paciência que o outro. “Porque se caem, um levanta o outro; mas o que será de alguém que cai sem ter um companheiro para levantá-lo?” (Eclesiastes 4.10). Decerto é sobre esse suportar o outro em sua liberdade que fala a Escritura ao admoestar: “Suportando-vos uns aos outros” (Colossenses 3.13); “Com toda humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros com amor, procurando conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz” (Efésios 4.2).

À liberdade do outro junta-se o abuso dela no pecado que, no irmão, se torna um fardo para o cristão. Suportar o pecado do irmão é mais difícil do que suportar a sua liberdade, pois com o pecado é rompida a comunhão com Deus e com os irmãos. É nesse ponto que o cristão sofre o rompimento da comunhão no outro, estabelecida em Jesus Cristo. Por outro lado, é nesse suportar que também se revela toda a graça de Deus. Não precisar desprezar o pecador, mas poder suportá-lo significa não precisar dá-lo por perdido, mas poder aceitá-lo e manter com ele a comunhão por meio do perdão dos pecados. “Irmãos, caso alguém seja apanhado em falta, vós, os espi-

rituais, corriji esse tal com espírito de mansidão” (Gálatas 6.1). Do mesmo modo como Cristo nos suportou e aceitou como pecadores, assim também nós podemos suportar e aceitar pecadores na comunhão de Cristo, através do perdão dos pecados. Podemos suportar os pecados do irmão, não precisamos julgar. Para o cristão isto é graça; pois qual o pecado que ocorre na comunidade que não obriga o cristão a examinar e acusar a si mesmo por causa de sua própria infidelidade na oração e intercessão, da falta de serviço fraternal, de admoestação entre irmãos e de consolação, incluindo seu pecado pessoal, sua indisciplina com a qual prejudicou a si, à comunhão e aos irmãos? Porque todo o pecado individual pesa sobre a comunidade toda e a acusa, por isso a comunidade se regozija em todo sofrimento que lhe é causado pelo irmão, e sob todo fardo que por causa disso cai sobre ela, por ser considerada digna de suportar pecado e de perdô-lo. “Vê, assim tu suportas a todos, todos te suportam, e todas as coisas lhes são comuns, as boas e as más” (Lutero).

Perdoar é um serviço que nos prestamos mutuamente todos os dias. Acontece sem palavras na intercessão de uns pelos outros; e todo membro da comunhão, que não se cansa desse serviço, pode ter certeza de que também a ele os irmãos prestarão esse serviço. Quem carrega sabe-se carregado, e somente com esta força poderá carregar.

Onde estes três serviços, ouvir, servir, suportar, são realizados de forma fiel, lá pode acontecer também o serviço mais elevado e sublime: servir com a Palavra de Deus.

Trata-se aqui da livre palavra de pessoa para pessoa, e não da palavra subordinada ao ministério ordenado, nem limitada em um certo tempo e lugar. Trata-se da situação única no mundo em que uma pessoa testemunha a outra pessoa, com palavras humanas, todo o consolo de Deus e sua admoestação, bondade e severidade. Essa palavra é cercada de perigos sem fim. Se não lhe precedeu o verdadeiro ouvir, como poderia ser a palavra certa para o outro? Se está em contradição com a disposição de servir, como poderia ser pala-

vra fidedigna e verdadeira? Se não procede do carregar, mas da impaciência e do espírito de violação, como poderia ser a palavra libertadora e curativa? Por outro lado, a pessoa que realmente ouviu, serviu de fato e carregou, provavelmente nada dirá. A profunda desconfiança em relação a tudo que é só palavra sufoca, muitas vezes, a palavra dirigida ao irmão. O que uma impotente palavra humana pode fazer em favor do outro? Devemos multiplicar as palavras vazias? Falaremos ao vento, não considerando as verdadeiras necessidades dos semelhantes, a exemplo dos expertos espirituais? O que é mais perigoso do que dizer a Palavra de Deus em excesso? Por outro lado, quem quer assumir a responsabilidade de ter calado quando deveria ter falado? É bem mais fácil falar a palavra ordenada do púlpito do que essa palavra inteiramente livre, que se encontra entre a responsabilidade de silenciar e de falar.

Ao temor da própria responsabilidade de tomar a palavra associa-se o temor do outro. Como é difícil pronunciar o nome de Jesus Cristo até mesmo na presença de um irmão! Aqui também há o certo e o errado. Quem tem o direito de penetrar no próximo? Quem tem o direito de chamá-lo ao confronto, feri-lo e tocar nas coisas mais íntimas? Não seria prova de grande discernimento cristão se quiséssemos afirmar que esse direito cabe a todos, que é um dever. O espírito da violação poderia aninhar-se aqui da maneira mais cruel. De fato o outro tem o seu próprio direito, a sua própria responsabilidade e também seu próprio dever de defender-se contra intromissões indevidas. Ele tem seu próprio segredo que não pode ser tocado sem causar grande prejuízo, segredo que não pode revelar sem destruir a si mesmo. Não se trata de um segredo na área do saber ou sentir, mas do segredo de sua liberdade, de sua salvação, de seu ser. Não obstante, esse correto reconhecimento se avizinha perigosamente da palavra assassina de Caim: “Acaso sou guarda de meu irmão?” (Gênesis 4.9). O respeito pela liberdade do outro, aparentemente de fundamentação espiritual, pode estar sob a maldição da Palavra de Deus que diz: “mas o seu sangue, requerê-lo-ei da tua mão” (Ezequiel 3.18).

Onde cristãos se reúnem, em algum momento e de alguma maneira, deve acontecer de um testemunhar ao outro, pessoalmente, a Palavra e a vontade de Deus. É inimaginável que irmãos não falem uns com os outros sobre as coisas que lhes são mais importantes. É falta de espírito cristão quando um nega ao outro, conscientemente, o serviço decisivo. Se não conseguimos articular a Palavra, temos de nos examinar se não estamos vendo o irmão apenas em sua dignidade humana, a qual não temos coragem de tocar, e esquecemos assim o mais importante: que também ele, por mais idoso, superior e importante que seja, é uma pessoa igual a nós, que como pecador clama pela graça de Deus, que tem suas grandes necessidades como nós, que precisa de ajuda, consolo e perdão assim como nós.

A base na qual cristãos podem falar uns com os outros é que cada qual sabe que o irmão é pecador e, que, apesar de toda sua dignidade humana, está perdido e abandonado se não for socorrido. Isso nada tem a ver com desprezo ou desonra. Pelo contrário, assim se demonstra ao outro a única honra verdadeira que o ser humano possui: a de poder participar, como pecador, da graça e da glória de Deus, a de ser filho de Deus. Esse saber proporciona à palavra do irmão a necessária liberdade e abertura. Falamos uns aos outros em vistas ao auxílio de que ambos precisamos. Admoestamo-nos mutuamente a prosseguir no caminho que Cristo nos ordena. Advertimos uns aos outros sobre a desobediência que é nossa perdição. Ora somos afáveis, ora rudes, pois conhecemos a bondade e o rigor de Deus. Por que teríamos temor uns dos outros quando nada temos a temer senão a Deus somente? Por que haveríamos de pensar que o irmão não nos compreenderia se nós mesmos compreendemos muito bem quando alguém, quem sabe com palavras desajeitadas, nos anunciou o consolo ou a admoestação de Deus? Ou cremos por acaso que exista uma única pessoa que não necessite nem de consolações nem de advertências? Por que então Deus nos presenteou com a fraternidade cristã?

Quanto mais aprendermos a ouvir a palavra do outro, inclusive a aceitar humildemente e agradecidos advertências duras, tanto maior

será nossa liberdade e objetividade no uso da palavra. Quem rejeita a palavra fraterna por impertinência e vaidade, esse também não poderá dizer a outro a verdade em humildade, porque teme a rejeição, sentindo-se ofendido com isso. A pessoa impertinente sempre vira adulator e logo desprezará e caluniará o irmão. O humilde, porém, atém-se à verdade e ao amor. Permanece na Palavra de Deus e por ela se deixa conduzir ao irmão. Por não procurar para si mesmo nem temer nada, pode ajudar o outro através da Palavra.

É imprescindível – visto que ordenado por Deus! – advertir o irmão que cai em pecado evidente. A prática da disciplina da comunidade começa no círculo mais íntimo. Quando a apostasia da Palavra, na doutrina e na conduta, põe em perigo a comunhão familiar e com ela a comunidade toda, deve-se arriscar o uso da advertência e reprovção. Nada pode ser mais cruel do que a brandura que relega o outro a seu pecado. Nada mais misericordioso do que a admoestação severa que leva o irmão a abandonar o caminho do pecado. É serviço de caridade, uma última oferta de comunhão autêntica quando permitimos que tão-somente a Palavra de Deus se erga entre nós, julgando e socorrendo. Não somos nós que julgamos. Quem julga é somente Deus, e o seu juízo ajuda e salva. Em última análise, nada podemos senão servir ao irmão, jamais colocando-nos acima dele; servindo-lhe inclusive ainda quando lhe dizemos a palavra julgadora e separadora de Deus; quando, obedientes a Deus, rescindimos a comunhão com ele. Pois sabemos que não é com o amor humano que permanecemos fiéis ao outro, mas com o amor de Deus que vem para as pessoas só através do juízo. Enquanto julga, a Palavra de Deus serve às pessoas. Quem se deixa servir com o juízo de Deus, esse está salvo. É nesse ponto que se revelam os limites da ação humana no irmão: “Mas o homem não pode comprar seu resgate, nem pagar a Deus seu preço: o resgate de sua vida é tão caro que seria sempre insuficiente para o homem sobreviver”(Salmo 49.8,9).

Essa renúncia à própria capacidade é justamente a condição e a confirmação para o auxílio redentor que somente a Palavra de Deus



pode dar ao irmão. Os caminhos do irmão não estão em nossas mãos, não temos condições de conservar o que está prestes a se desagregar, não podemos preservar a vida de quem está morrendo. Deus, porém, une na desagregação, cria comunhão na separação, concede graça por meio do juízo. No entanto, colocou sua Palavra em nossa boca. Ela deverá ser dita por nós. Se impedirmos sua Palavra, o sangue do irmão vem sobre nós. Se a proclamarmos, Deus irá salvar o irmão através de nós. “Saiba que aquele que reconduz um pecador desencaminhado salvará sua alma da morte e cobrirá uma multidão de pecados” (Tiago 5.20).

“Aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o vosso servidor” (Marcos 10.43). Cristo ligou toda a autoridade na comunhão ao serviço fraternal. Autoridade espiritual autêntica só existe onde é cumprido o serviço de ouvir, servir, carregar e pregar. Todo culto a uma pessoa, abrangendo qualidades excepcionais, capacidades, poderes e talentos extraordinários – ainda que sejam de ordem espiritual – é mundano e não tem lugar na comunhão cristã, antes a envenena. O tão freqüente anseio de nossos dias por “figuras episcopais”, “pessoas sacerdotais”, “personalidades com autoridade” nasce, não raro, da necessidade espiritual mórbida de admirar seres humanos, de estabelecer autoridade humana visível, porque a autêntica autoridade do servir parece pequena demais. Nada se opõe a esse anseio com tanto rigor como o próprio Novo Testamento, mesmo ao descrever o bispo (1 Timóteo 3.2ss). Nada encontramos aqui do encanto de talentos humanos, das brilhantes qualidades de uma personalidade espiritual. O bispo nada mais é do que o homem simples e fiel, sadio na fé e na vida, e que se desincumbe de forma correta de seu serviço na comunidade. Sua autoridade consiste no cumprimento de seu serviço. Não há o que admirar no homem em si. O desejo por autoridade falsa, em última análise, nada mais quer do que erigir novamente na Igreja o imediatismo, a dependência de homens. A autoridade autêntica, porém, sabe que o imediatismo é desastroso justamente em questões de autoridade, e que ele só pode persistir no serviço daquele que tem toda a autoridade. Autoridade

autêntica sabe-se sujeita à palavra de Jesus, no sentido rigoroso: “Quanto a vós, não permitais que vos chamem de ‘Rabi’, pois um só é vosso Mestre e todos vós sois irmãos” (Mateus 23.8). Não é de personalidades brilhantes que uma comunidade precisa, mas de fiéis servidores de Jesus e dos irmãos. Também não lhe falta aqueles, mas estes. A comunidade confiará somente no singelo servo da Palavra de Jesus, porque sabe que assim estará sendo conduzida não por sabedoria ou arbitrariedade humana, mas pela Palavra do Bom Pastor. A questão da confiança espiritual, tão intimamente ligada à questão da autoridade, decide-se na fidelidade com que alguém cumpre o serviço de Jesus Cristo, e não nas qualidades extraordinárias de que dispõe. Autoridade poimênica só encontrará aquele servo de Jesus que não busca autoridade própria, mas que, sujeito à autoridade da Palavra, é um irmão entre irmãos.

# 5

## CONFISSÃO E SANTA CEIA

“Confessai, pois, uns aos outros, os vossos pecados” (Tiago 5.16). Quem fica sozinho com seu mal, fica totalmente só. Pode ser que cristãos fiquem sozinhos apesar da devoção e oração conjuntas, apesar de toda comunhão no servir. É possível que jamais se rompa aquela última barreira que os separa da comunhão, porque eles vivem juntos como pessoas crentes e piedosas, e não como pessoas descrentes e pecadoras. A comunhão piedosa não permite que alguém seja pecador. Por isso cada pessoa precisa esconder o pecado de si mesma e da comunidade. Não devemos ser pecadores. Inimaginável o pavor de cristãos piedosos se um dia de repente aparecesse um pecador de verdade entre eles. Portanto, ficamos sozinhos com nosso pecado, na mentira, na hipocrisia, pois não há como negar: somos pecadores.

No entanto, é a graça do Evangelho, a qual o piedoso tem tanta dificuldade de compreender, que nos coloca diante da verdade e diz: Tu és pecador, um grande pecador incurável; e agora, como pecador que tu és, chega-te a teu Deus que te ama. Ele te quer tal como és. Não quer nada de ti, nem sacrifício nem obra. Ele quer a ti somente. “Meu filho, dá-me o teu coração” (Provérbios 23.26). Deus veio até ti para salvar o pecador. Alegra-te! Essa mensagem é libertação pela verdade. Perante Deus não podes te ocultar. Diante dele, de nada vale a máscara que usas perante as pessoas. Deus quer te ver assim como és, e quer ser misericordioso contigo. Já não tens neces-

sidade de mentir para ti mesmo nem para o irmão, como se não tivesses pecado; tu podes ser um pecador e agradece a Deus por isso, pois ele ama o pecador, mas odeia o pecado.

Cristo tornou-se nosso irmão na carne, para que crêssemos nele. Nele veio o amor de Deus ao pecador. Em sua presença as pessoas puderam ser pecadoras, e só assim encontraram ajuda. Perante ele acabou toda a aparência. A miséria do pecador e a misericórdia de Deus – eis a verdade do Evangelho em Jesus Cristo. E é nessa verdade que deveria viver sua comunidade. Por essa razão autorizou os seus a ouvir a confissão dos pecados e a perdô-los em seu nome. “Aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; aqueles aos quais retiverdes ser-lhes-ão retidos” (João 20.23).

Assim Cristo converteu em bênção para nós a comunidade, e nela, o irmão. Ele está no lugar de Cristo. Perante ele já não preciso fingir. Perante ele e mais ninguém no mundo posso ser o pecador que sou, pois aqui reina a verdade de Jesus Cristo e sua misericórdia. Cristo tornou-se nosso irmão para nos ajudar; e agora o irmão se tornou um Cristo, por meio dele, no poder de sua missão. O irmão está diante de nós como o sinal da verdade e da graça de Deus. Ele nos é dado para nos ajudar. Ouve nossa confissão em lugar de Cristo e em lugar dele nos perdoa. Guarda o segredo de confissão tão bem como Deus o guarda. Confessando-me ao irmão, confesso-me a Deus.

Assim o chamado à confissão e à absolvição fraterna dentro da comunhão cristã é conclamação à grande graça de Deus na comunidade.

Na confissão acontece o *irrompimento da comunhão*. O pecado quer ficar a sós com a pessoa e afastá-la da comunhão. Quanto mais solitária a pessoa, mais destruidor será o poder do pecado em sua vida, e quanto mais profundo o envolvimento com o pecado, mais desesperadora a solidão. O pecado faz questão de permanecer no anonimato. Ele teme a luz. Escondido na escuridão do que não se

verbaliza, ele intoxica todo o ser da pessoa. Isso pode acontecer no meio da comunhão piedosa. Na confissão, a luz do Evangelho irrompe nas trevas e no hermetismo do coração. O pecado deve ser trazido à luz. O que ainda não foi verbalizado, agora é dito abertamente e confessado. Todas as coisas secretas e ocultas ficam agora manifestas. É dura a luta até que os lábios consigam pronunciar a confissão do pecado, mas Deus “quebrou as portas de bronze, despedaçou as trancas de ferro” (Salmo 107.16). A confissão dos pecados na presença do irmão cristão derruba os últimos redutos da autojustificação. O pecador rende-se, abandona todo o mal que há nele, entrega o coração a Deus e encontra o perdão de todos os seus pecados na comunhão de Jesus Cristo e dos irmãos. Uma vez expresso e confesso, o pecado já não tem poder, pois foi manifesto como pecado e julgado como tal. Já não tem o poder de dilacerar a comunhão. A partir desse momento, a comunidade carrega o pecado do irmão, que já não está sozinho com seu mal, pois na confissão desfez-se dele, entregou-o a Deus. O mal foi tirado dele. Agora encontra-se na comunhão dos pecadores que vivem da graça de Deus revelada na cruz de Jesus Cristo. Agora pode ser pecador e, assim mesmo, alegrar-se na graça de Deus. Pode confessar os pecados e encontrar comunhão justamente nessa confissão. O pecado oculto separava-o da comunhão, desmentia toda a comunhão aparente; o pecado professo ajudou-o a encontrar a verdadeira comunhão com os irmãos em Jesus Cristo.

Aliás, referimo-nos aqui exclusivamente à confissão entre duas pessoas cristãs. Não é preciso confessar-se perante toda a comunidade para encontrar a comunhão com toda ela. Eu encontro toda a comunidade naquele único irmão ao qual me confesso e que me absolve. Na comunhão que encontro com esse irmão, tenho comunhão com toda a comunidade, pois nesse ponto ninguém age em seu próprio nome e com autoridade própria, mas por ordem de Jesus Cristo que é dada a toda a comunidade. O indivíduo apenas tem a incumbência de cumpri-la. O cristão que está na comunhão da confissão fraternal jamais estará só.

Na confissão acontece o *irrompimento para a cruz*. A raiz de todo pecado é a soberba. Quero viver para mim mesmo, tenho direito a mim mesmo, a meu ódio e minha cobiça, minha vida e minha morte. Mente e carne da pessoa estão inflamadas de soberba, pois justamente em seu mal a pessoa quer ser igual a Deus. A confissão a um irmão é a mais profunda humilhação; machuca, torna-o pequeno, abate a soberba horivelmente. Apresentar-se ao irmão como pecador é uma desonra quase insuportável. Na confissão de pecados concretos, o velho Adão tem uma morte vergonhosa sob dores horríveis perante os olhos do irmão. Por essa humilhação ser tão amarga, cremos sempre poder evitar a confissão diante do irmão. Nossos olhos estão obcecados a ponto de não mais enxergarem a promessa e a magnificência que tal humilhação encerra.

Foi o próprio Jesus Cristo que sofreu publicamente em nosso lugar a morte-vergonha do pecador. Não se envergonhou de ser crucificado como malfeitor. E não é nada mais que a comunhão com Jesus Cristo que nos conduz à morte vergonhosa da confissão, para que de fato tenhamos comunhão na cruz de Cristo. Essa cruz destrói toda soberba. Não encontraremos a cruz de Cristo se não formos até onde ela pode ser encontrada, a saber, na morte pública do pecador. Negamo-nos a carregar a cruz quando nos envergonhamos de tomar sobre nós a vergonhosa morte do pecador na confissão. Na confissão fazemos irromper a autêntica comunhão da cruz de Jesus Cristo; nela aceitamos nossa cruz. No profundo sofrimento físico-espiritual da humilhação perante o irmão, isto é, perante Deus experimentamos a cruz de Cristo como salvação e bem-aventurança. Morre a velha humanidade, mas foi Deus quem a derrotou. Agora, pois, temos parte na ressurreição de Cristo e na vida eterna.

Na confissão acontece o *irrompimento para a nova vida*. Está realizada a ruptura com o passado ali onde se odeia, confessa e perdoa o pecado. “Passaram-se as coisas antigas”. Onde, porém, se rompe com o pecado, ali há conversão. “Passaram-se as coisas antigas; eis que se fez uma realidade nova” (2 Coríntios 5.17). Cristo

fez um novo começo conosco. Assim como os primeiros discípulos abandonaram tudo ao chamado de Jesus e o seguiram, assim o cristão ao confessar-se entrega tudo e o segue. Confissão é discipulado. Começa aí a vida com Jesus Cristo e sua comunidade. “Quem esconde suas faltas jamais tem sucesso, mas quem as confessa e abandona obtém compaixão” (Provérbios 28.13). Na confissão o cristão começa a abandonar o pecado. Está quebrado seu domínio. A partir daí o cristão alcança vitória sobre vitória. O que aconteceu conosco no Batismo nos é concedido de forma nova na confissão: somos salvos das trevas para o Reino de Jesus Cristo. Essa é uma mensagem de alegria. Confessar-se é a renovação da alegria batismal. “De tarde vem o pranto, de manhã gritos de alegria” (Salmo 30.6).

Na confissão acontece o *irrompimento para a certeza*. Por que razão confessar os pecados perante Deus muitas vezes nos parece mais fácil do que fazê-lo perante o irmão? Deus é santo e sem pecado, justo juiz do mal e inimigo de toda desobediência. O irmão, porém, é pecador como nós, conhece a noite do pecado secreto por experiência própria. Não deveria ser mais fácil encontrar o caminho ao irmão pecador do que ao santo Deus? Se esse não for o nosso caso, temos de nos perguntar se muitas vezes não enganamos a nós mesmos em nossa confissão a Deus. Será que não confessamos os pecados a nós mesmos e nós mesmos nos absolvemos? Não teria, quem sabe, a freqüente reincidência, a fraqueza da obediência cristã, sua raiz no fato de estarmos vivendo da auto-absolvição e não da real absolvição de nossos pecados? Auto-absolvição jamais leva ao rompimento com o pecado. Isso só a Palavra julgadora e agraciadora de Deus pode efetuar. Quem nos garante que não estamos lidando conosco mesmos ao confessarmos o pecado e recebermos o perdão, mas com o Deus vivo? Essa certeza Deus nos concede através do irmão. O irmão rompe o círculo da ilusão. Quem confessa seu pecado ao irmão, sabe que já não está lidando consigo mesmo, e experimenta a presença de Deus na realidade do outro. Enquanto me restringir a mim mesmo na confissão dos pecados, tudo permanece escuro. Na presença do irmão, porém, o pecado deve vir à luz. Visto

que o pecado deve ser revelado algum dia, é melhor que isso aconteça hoje na presença do irmão do que no dia derradeiro, à clara luz do juízo final. Poder confessar os pecados ao irmão é graça. Assim somos poupados dos horrores do juízo final. O irmão foi colocado ao meu lado para que, através dele, já agora eu tenha certeza da realidade de Deus em seu juízo e sua graça. Assim como a confissão perante o irmão impede que eu me iluda, assim também só tenho certeza plena da absolvição quando o irmão a anuncia para mim por ordem e em nome de Deus. A confissão fraternal nos é dada por Deus na certeza do perdão divino.

Exatamente por causa dessa certeza temos de confessar pecados concretos. Confissões gerais servem para as pessoas se autojustificarem. Nos pecados concretos percebo a total perdição e perversão da natureza humana, porquanto de algum modo ela penetra no campo de minha experiência. Por isso o preparo para a confissão concreta será examinar-se à luz dos Dez Mandamentos. Do contrário poderia acontecer de eu continuar hipócrita inclusive na confissão fraternal, e não alcançar consolo. Jesus tratava com pessoas cujos pecados eram patentes: com publicanos e prostitutas. Esses sabiam muito bem que pecados precisavam de perdão e aceitavam-no como absolvição de pecados específicos. Jesus pergunta a Bartimeu, o cego: “Que queres que eu te faça?” (Marcos 10.51). Antes da confissão temos de ter certeza da resposta a essa pergunta. Na confissão, também nós recebemos o perdão de pecados específicos que, na ocasião, são trazidos à luz, e justamente nesse perdão específico recebemos a absolvição de todos os pecados, dos que reconhecemos e dos que desconhecemos.

Isso tudo significa que a confissão fraternal é lei de Deus? A confissão não é lei, e sim oferta de ajuda divina ao pecador. Pode ser que, pela graça de Deus, alguém irrompa para a certeza, a nova vida, a cruz e a comunhão sem a confissão fraternal. Pois pode acontecer que alguém jamais venha a conhecer o que é duvidar da absolvição e da autenticidade de sua confissão, e que tudo lhe seja pre-

senteado na confissão secreta perante Deus. Referimo-nos acima aos que não podem afirmar isso de si próprios. Lutero era um daqueles que já não podiam imaginar a vida cristã sem a confissão fraternal. Em seu Catecismo Maior, ele escreve: "Portanto, se vos exorto à confissão, exorto-vos a serdes cristãos". Àqueles que, apesar de toda busca e esforço, não conseguem achar a imensa alegria da comunhão, da cruz, da nova vida e da certeza, deve ser mostrada a oferta que nos é feita na confissão fraternal. A confissão situa-se dentro da liberdade do cristão. Quem, todavia, recusará uma ajuda que Deus considerou necessário oferecer sem levar prejuízo?

A quem deveremos nos confessar? De acordo com a promessa de Jesus, todo o irmão em Cristo pode tornar-se nosso confessor. Mas ele nos compreenderá? Será que ele não está muito acima de nós em termos de conduta cristã que não terá a mínima compreensão justamente para nosso pecado pessoal? Quem vive sob a cruz de Cristo, quem nela reconheceu a impiedade mais profunda de toda a humanidade e do próprio coração, para esse já não há pecado que lhe seja desconhecido. Quem, alguma vez, se apavorou diante da hediondez de seu pecado que pregou Jesus na cruz, não se apavora mais nem mesmo com o pior pecado do irmão. Conhece o coração humano por meio da cruz de Cristo. Sabe o quanto está inteiramente perdido em pecado e fraqueza, como se perde nos caminhos do pecado, mas sabe também que é aceito em graça e misericórdia. Apenas o irmão que se encontra sob a cruz poderá ser meu confessor.

Não é a experiência de vida que faz o confessor, mas a experiência da cruz. O mais experiente conhecedor do gênero humano sabe infinitamente menos a respeito do coração do que o mais singelo cristão que vive sob a cruz de Cristo. O maior conhecimento, talento e experiência da psicologia não serão capazes de compreender o que é pecado. A psicologia conhece a miséria, a fraqueza e o fracasso da pessoa, mas não conhece a impiedade humana. Por isso também não sabe que a pessoa se arruina exclusivamente por causa do

pecado e que poderá se curar só pelo perdão. Isso só o cristão sabe. Perante o psicólogo, não passo de uma pessoa doente; perante o irmão posso ser uma pessoa pecadora. O psicólogo primeiro precisa sondar meu coração e, mesmo assim, jamais descobre seu âmago. O irmão em Cristo, entretanto, sabe: aí vem um pecador como eu, um ímpio que quer confessar e que anseia pelo perdão de Deus. O psicólogo me encara como se não existisse Deus; o irmão me vê à luz do Deus julgador e misericordioso na cruz de Jesus Cristo. Se somos tão pobres e incapazes para a confissão fraternal não é por falta de conhecimento psicológico, mas por falta de amor a Jesus Cristo crucificado. No convívio diário com a cruz de Cristo, o cristão perde o espírito julgador humano e de condescendência que revela fraqueza. Ele recebe o espírito da seriedade e amor divinos. A morte do pecador e a vida surgida a partir da morte por graça será sua realidade diária. Assim ama os irmãos com o misericordioso amor de Deus, que conduz à vida do Filho de Deus através da morte do pecador. Quem tem condições de ouvir nossa confissão? Aquele que vive sob a cruz de Cristo. Onde estiver viva a palavra da cruz, ali também se praticará a confissão fraternal.

A comunhão cristã que pratica a confissão deve prevenir-se contra dois perigos. O primeiro perigo diz respeito ao confessor. Não é aconselhável que uma única pessoa seja o confessor de todos os demais. Facilmente essa pessoa ficará sobrecarregada e a confissão passará a ser um ato vazio, surgindo daí o incurável abuso da confissão para exercer tirania espiritual sobre as almas. Para não succumbir a este tremendo perigo da confissão, que evite ouvir a confissão a pessoa que não a pratica ela própria. Somente a pessoa humilhada tem condições de ouvir a confissão do irmão sem prejudicar a si mesma.

O segundo perigo diz respeito ao confessante. Por amor à sua salvação, que ele preserve sua alma de fazer da confissão uma obra piedosa. Se o fizer, ela será o extremo abandono do coração, sumamente abominável, monstruoso, impudico. A confissão se tornará

um palavreado lascivo. Foi o diabo que inventou a confissão como obra piedosa. Somente baseados na oferta da graça de Deus, da ajuda e do perdão podemos nos arriscar a descer ao abismo da confissão. Só nos é permitido confessar graças à promessa de absolvição. Confissão como obra é morte espiritual; confissão com vistas à promessa é vida. Fundamento e objetivo único da confissão é o perdão dos pecados.

Não há dúvida de que a confissão é um ato em nome de Cristo, completo em si, sendo praticado na comunidade sempre que existe tal desejo. Também é certo que ela serve à comunidade cristã de modo especial como preparação para a Santa Ceia. Reconciliados com Deus e com as pessoas, os cristãos querem receber o corpo e o sangue de Jesus Cristo. Temos a ordem de Jesus de que ninguém venha ao altar de coração não-reconciliado com o irmão. Se essa ordem se aplica a cada culto, a cada oração, quanto mais valerá para a celebração da Santa Ceia.

Na véspera da celebração da Santa Ceia os irmãos de uma comunidade cristã se reunirão para pedirem perdão uns aos outros por injustiças cometidas. Ninguém estará bem preparado para participar da Ceia do Senhor se evitar esse encontro com o irmão. Se os irmãos querem receber a graça de Deus no sacramento, toda ira, discórdia, inveja, conversa maliciosa e atitudes desleais devem ser afastadas antes. Pedir desculpas ao irmão, porém, ainda não é confissão, e Jesus ordenou expressamente só o pedido de perdão. No entanto, o preparo para a Santa Ceia despertará no indivíduo também o desejo por certeza plena do perdão de determinados pecados que o angustiam e torturam, e os quais só Deus conhece. Esse desejo é satisfeito com a oferta da confissão fraternal e da absolvição. Quando se avolumou a angústia e tribulação por causa do próprio pecado, quando há anseio por certeza do perdão, convida-se, em nome de Jesus, para a confissão fraternal. O que para Jesus valeu a acusação de blasfêmia, a saber, que perdoava pecados, isso acontece agora na fraternidade cristã no poder da presença de Jesus Cristo.

Todos os pecados são perdoados uns aos outros em nome de Jesus do triúno Deus, e há júbilo entre os anjos no céu pelo pecador que se converte. Desse modo, a preparação para a Santa Ceia encerrará a humildação fraternal, consolo, orações, medo e alegria.

O dia da celebração da Santa Ceia é dia de festa para a comunidade cristã. Reconciliada no coração com Deus e com os irmãos, a comunidade recebe a dádiva do corpo e sangue de Jesus Cristo, e nela, perdão, nova vida e bem-aventurança. Ela é presenteada com nova comunhão com Deus e com as pessoas. A comunhão da Santa Ceia é por excelência o cumprimento da comunhão cristã. Do modo como os membros da comunidade estão unidos em corpo e sangue na mesa do Senhor, assim estarão unidos em eternidade. Aqui a comunhão alcança sua meta. A alegria em Cristo e sua comunidade é completa. A vida em comunhão dos cristãos sob a Palavra atinge seu alvo no sacramento.